



UNIVERSIDADE DA FORÇA AÉREA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AEROESPACIAIS

KAISER DAVID VARGAS KONRAD

**A moderna Maskirovka nas operações russas na Crimeia e Ucrânia**

Rio de Janeiro

2019

UNIVERSIDADE DA FORÇA AÉREA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AEROESPACIAIS

KAISER DAVID VARGAS KONRAD

**A moderna maskirovka nas operações russas na Crimeia e na Ucrânia**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Aeroespaciais da Universidade da Força Aérea, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Aeroespaciais, sob orientação do Prof. Dr. Humberto Lourenção.

Rio de Janeiro

2019

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da UNIFA**

Konrad, Kaiser David Vargas

K86

A moderna Maskirovka nas operações russas na Crimeia e Ucrânial / Kaiser David Vargas Konrad. – Rio de Janeiro: Universidade da Força Aérea, 2019.

86 f., enc.

Orientador: Humberto Lourenção

Dissertação (mestrado) – Universidade da Força Aérea, Rio de Janeiro, 2018.

Referências: f. 77-86

1. Crimeia. 2. Maskirovka. 3. Novas Ameaças. 4. Segurança Internacional. I. Título. II. Lourenção, Humberto. III. Universidade da Força Aérea.

CDU: 355.404(477)



UNIVERSIDADE DA FORÇA AÉREA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AEROESPACIAIS

**KAISER DAVID VARGAS KONRAD**

**A MODERNA MASKIROVKA NAS OPERAÇÕES RUSSAS NA CRIMEIA E UCRÂNIA**

Dissertação aprovada pelos membros da Banca Examinadora, no dia 9 de outubro de 2019, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Aeroespaciais pela Universidade da Força Aérea.

Rio de Janeiro, RJ, 9 de outubro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. HUMBERTO JOSÉ LOURENÇÃO - UNIFA**  
Presidente da Banca Examinadora

**Prof. Dr. GUNTHER RUDZIT - UNIFA/ESPM**

**Prof. Dr. GILLS VILAR LOPES - UNIR**

## **DEDICATÓRIA**

**À minha filha Katharina,  
nascida na Ucrânia  
no período da guerra,  
minha inspiração.**

A história como disciplina começou como um confronto com a propaganda de guerra. No primeiro livro de história, *As guerras do Peloponeso*, Tucídides teve o cuidado de estabelecer uma distinção entre os relatos feitos pelos governantes de suas próprias ações e as verdadeiras razões das decisões que tomaram. Em nossa época, com a desigualdade crescente irrigando o terreno da ficção política, o jornalismo investigativo se torna cada vez mais precioso. Seu renascimento começou durante a invasão russa da Ucrânia, com repórteres corajosos produzindo matérias a partir de lugares perigosos. Na Rússia e na Ucrânia, iniciativas jornalísticas atacaram os problemas da cleptocracia e da corrupção, e em seguida repórteres com experiência nesses assuntos cobriram a guerra. (SNYDER, 2019, p. 20)

## RESUMO

A guerra no Leste da Ucrânia completa cinco anos em 2019. A anexação da Crimeia e o conflito no leste ucraniano provocaram a maior crise entre a Rússia e o Ocidente desde o final da Guerra Fria. Os acontecimentos de 2014 foram resultados de uma grande operação encoberta conduzida pela inteligência militar russa no exterior (Glavnoye Razvedyvatelnoye Upravlenie - GRU), que colocou mais uma vez em prática a Maskirovka, ou engodo militar, desta vez em nível estratégico e fazendo uso dos modernos recursos tecnológicos do século 21. A manobra teve um objetivo enfraquecer e manter a Ucrânia na zona de influência russa, impedindo qualquer possibilidade ingresso na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e na União Europeia. Através de uma revisão bibliográfica e de uma pesquisa realizada in loco, esta dissertação busca elucidar os acontecimentos ocorridos na Crimeia e no leste da Ucrânia, analisando o emprego da Maskirovka pela Rússia, atualizado ao cenário do século XXI sob forma de uma moderna guerra híbrida, e entender a importância do assunto à luz dos teóricos do Realismo e das Novas Guerras.

**Palavras-chave:** Crimeia. Maskirovka. Novas Ameaças. Segurança Internacional.

## **ABSTRACT**

*The war in eastern Ukraine turns five in 2019. The annexation of Crimea and the conflict in eastern Ukraine have triggered the biggest crisis between Russia and the West since the end of the Cold War. The events of 2014 were the result of a large uncovered operation carried out by Russian military intelligence abroad (Glavnoye Razvedyvatelnoye Upravlenie - GRU), which once again put Maskirovka, or military deception, this time at a strategic level and making use of modern technological resources of the 21st century. The maneuver aimed to weaken and keep Ukraine in the Russian zone of influence, preventing any possibility entry into the North Atlantic Treaty Organization (NATO) and the European Union (EU). Through a bibliographical review and an in loco survey, this dissertation seeks to elucidate events in the Crimea and eastern Ukraine, analyzing Russia's Maskirovka employment, updated to the 21st century scenario in the form of a modern hybrid war, and to understand the importance of the subject in the light of the theorists of Realism and the New Wars.*

**Keywords:** *Crimea. Maskirovka. New Threats. International Security.*



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 UCRÂNIA: ASPECTOS HISTÓRICOS, GEOPOLÍTICOS E ESTRATÉGICOS. ....</b>	<b>12</b>
<b>3 A CRISE UCRANIANA.....</b>	<b>19</b>
<b>4 A MASKIROVKA .....</b>	<b>25</b>
<b>5 REALISMO, SOBERANIA E NOVAS GUERRAS. ....</b>	<b>32</b>
<b>5.1 REALISMO .....</b>	<b>32</b>
<b>5.2 SOBERANIA.....</b>	<b>34</b>
<b>5.3 NOVAS GUERRAS .....</b>	<b>36</b>
<b>6 A GUERRA NO DONBAS.....</b>	<b>39</b>
<b>6.1 A CAMINHO DO LESTE .....</b>	<b>39</b>
<b>6.2 LUHANSK: A GUERRA NO INVERNO.....</b>	<b>50</b>
<b>6.3 A GUERRA ESQUECIDA NO CORAÇÃO DA EUROPA .....</b>	<b>61</b>
<b>7 A FORÇA AÉREA UCRANIANA .....</b>	<b>67</b>
<b>8 ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>76</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Sucessora da União Soviética e herdeira do seu Assento Permanente no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) e do maior arsenal nuclear do mundo, estimado em 8.850 bombas atômicas (ARMS CONTROL ASSOCIATION, 2018), a Rússia volta a se projetar como uma das grandes potências geopolíticas da atualidade, após uma década do término da Guerra Fria e com a ascensão de Vladimir Putin ao poder. O conflito iniciado em 2014 e que perdura até os dias de hoje entre a Federação Russa e a Ucrânia reforça aquilo que a Escola de Copenhague sustenta sobre as idiossincrasias hodiernas da segurança internacional no que se refere às dinâmicas regionais de segurança, qual seja: a lógica dos conflitos interestatais atuais está regionalizada, e não mais globalizada (BUZAN; WAEVER, 2003)

Localizada na costa ucraniana, no Mar Negro, a Península da Crimeia foi transferida para o território ucraniano em 1954, pelo ex-líder soviético Nikita Kruchev, em um gesto considerado simbólico e em comemoração ao 300º aniversário da integração da Ucrânia ao Império Russo, em referência ao Tratado de Pereyaslav, de 1654 (KRAMER, 2014). De localização estratégica, ela abriga a sede da Frota do Mar Negro, uma importante subunidade estratégico-operacional da Marinha Russa, sendo Sebastopol um dos dois únicos portos de águas quentes que a Marinha Russa tem acesso.

Após a revolução ucraniana de 2014, a Rússia recusou-se a reconhecer o novo governo interino e iniciou uma invasão encoberta da península da Crimeia, sustentando uma guerra de separatistas contra o novo governo na região de Donbas. O apoio russo ao sangrento conflito no Donbas provocou a derrubada de (i) 22 aeronaves militares (AXE, 2015) que executavam 740 surtidas de combate, a maior parte delas abatida por mísseis lançados de ombro (MANPADS), e de (ii) um avião civil (Boeing 777), por um míssil antiaéreo de médio alcance guiado por radar tipo BUK de número 332. – voo MH17 da Malaysia Airlines, que ia de Amsterdam para Kuala Lumpur – causando a morte de 298 cidadãos estrangeiros. O míssil foi lançado às 13h20 do dia 17 de julho de 2014 de dentro do território do Estado ucraniano – a partir da localidade de Snijne, numa área que estava sob controle das forças separatistas - por uma bateria antiaérea pertencente à 53ª Brigada de Mísseis Antiaéreos da Rússia (OSBORNE, 2018). Essas ações foram conduzidas por uma combinação de forças regulares e clandestinas bem treinadas e

equipadas que usavam táticas típicas daquelas executadas por Forças Especiais, em cuja ação simulou ser uma insurgência separatista. Seus integrantes eram, em sua maioria, operadores de unidades de elite das forças militares russas. Mascarados, militares de unidades especiais participaram de uma grande operação encoberta e inserida no contexto de uma Guerra Híbrida dentro do que se conhece na Rússia por *Maskirovka* – dissimulação ou camuflagem (SHARKOV, 2017).

A *Maskirovka* é uma especialidade da arte da guerra, uma forma de dissimulação, engodo, que os soviéticos e seus sucessores russos souberam conduzir, a fim de atingir objetivos de magnitude não somente tática, tais como aqueles alcançados durante a Segunda Guerra Mundial, como também estratégica, a exemplo da Crise dos Mísseis de Cuba e recentemente na Ucrânia. De acordo com Vowell (2016), a *Maskirovka* significa a inclusão de medidas de dissimulação, operações/guerra de informação e psicológicas e propaganda para influenciar o resultado das batalhas.

Tal novo corolário da crise russo-ucraniana é a recente anexação russa da Crimeia, por meio de uma operação russa de camuflagem e dissimulação militar (*military deception*), que assegurou a anexação de um estratégico território sem a necessidade do enfrentamento de forças; uma vitória sem precedentes, do ponto de vista militar, que, em situações similares e em um passado não tão distante, levava outras nações à guerra total. Essa operação foi inicialmente treinada durante a guerra na Geórgia em 2008 e amplamente utilizada na Ucrânia em 2014, tendo a Rússia conseguido a anexação da Crimeia e provocado o conflito armado que ainda se desenrola no leste da Ucrânia e que poderá gerar uma provável autonomia ou independência daqueles territórios, deixando um saldo atual de mais de 13 mil mortos.

Assim, os acontecimentos na Ucrânia foram provocados pela utilização da *Maskirovka* pela Rússia, cujo emprego foi atualizado ao cenário do século XXI, sob a forma de uma moderna guerra não-convencional, conduzida em tempo de paz e sob pretexto de insurreição civil. Dito de outra forma, a *Maskirovka* surge plenamente pela primeira vez após o fim da Guerra Fria, como uma nova idiossincrasia da expansão geopolítica russa pelo leste europeu, mascarando as operações militares russas em território ucraniano e seus objetivos geoestratégicos.

Neste sentido, a partir da hipótese de que a *Maskirovka* pode ser replicada como instrumento principal da Guerra Híbrida, configurando-se como uma ameaça à

segurança internacional, esta Dissertação tem como objetivo principal caracterizar a atual ação militar da Rússia na Crimeia e no conflito ucraniano, analisando-a à luz das teorias das relações internacionais e dos conceitos de soberania e novas guerras.

A possibilidade da utilização da *Maskirovka* como uma nova modalidade da guerra não-convencional russa é uma das justificativas principais desta pesquisa, sobretudo quando se afere um vácuo epistêmico brasileiro na região leste da Europa. É o que sugere, por exemplo, Prazeres (2014, p. 24) ao afirmar que o conflito russo-ucraniano “[...] poderá ser um figurino utilizado noutros cenários e eventuais iniciativas, num formato de baixo perfil, tão discreto quanto possível, com custos financeiros relativamente reduzidos”. Daí, dentre outros, a importância de se estudar tal conflito, como destaca o Centro de Doutrina do Exército Brasileiro:

[...] guerra híbrida e seus reflexos para o sistema de defesa do Brasil, identificando os aspectos relevantes desse modal de conflito e enfatizando as lições aprendidas do caso ucraniano. Esse assunto deve ser estudado devido à sua importância, desde o nível político, implicando, para a preparação do país, o envolvimento do poder nacional em todas as suas expressões. Brasil (2016, p.5):

A bibliografia sobre o tema – sobretudo, no Brasil – peca pelo fato de a maioria das análises serem feitas teoricamente e, portanto, sem a coleta empírica e primária de fontes. A metodologia de pesquisa a ser aplicada é o estudo de caso, de estilo qualitativo. Além da pesquisa bibliográfica, realizou-se, também, pesquisa de campo no teatro de operações militares na região leste da Ucrânia, incluindo história oral e uma entrevista semiestruturada com o Comandante da Força Aérea Ucraniana onde se aborda a situação do conflito no Donbas sob a ótica da aplicação e dos impactos do Poder Aeroespacial.

## **2 UCRÂNIA: ASPECTOS HISTÓRICOS, GEOPOLÍTICOS E ESTRATÉGICOS.**

A Ucrânia está localizada na Europa Oriental e faz fronteira com a Rússia a leste e nordeste; Bielorrússia a noroeste; Polônia, Eslováquia e Hungria a oeste; Romênia e Moldávia a sudoeste; e Mar Negro e Mar de Azov ao sul e sudeste, respectivamente. O país possui um território que compreende uma área de 603.628 quilômetros quadrados, o que o torna o maior país totalmente situado no continente europeu. Possui uma população de aproximadamente 47 milhões de habitantes, dividida em dois principais grupos étnicos, os ucranianos, que representam 77.8% da população, e os russos, 17.3%, além de algumas minorias pouco expressivas inseridas na sociedade. (YEKELCHYK, 2015)

Ukraina ou Ucrânia pode ser literalmente traduzida como “no limite” ou “fronteira”. Plana, fértil e fatalmente temida pelos invasores, a Ucrânia foi dividida entre Rússia e Polônia da metade do século XVII até o fim do XVIII, entre Polônia, Checoslováquia e Romênia entre as duas guerras mundiais. Até a União Soviética colapsar ela nunca tinha sido um estado independente (REID, 2015). A moderna Ucrânia é uma jovem República que se tornou independente da União Soviética em 24 de agosto de 1991. A guerra na Ucrânia e sua relação com a Rússia é complexa e multifacetada. Tem antecedentes históricos que muito bem retratam as razões do conflito. Reid (2015) destaca que a história da Ucrânia como uma fronteira, um campo de batalha ou como um estado recém-nascido lutando para construir sua própria identidade nacional começa em Kiev, ou Kyiv na língua ucraniana<sup>1</sup>. No ano 880 foi criado o Principado de Kiev (ou Rus de Kiev), onde hoje é a capital ucraniana, e que foi o predecessor dos que viriam a se tornar os estados eslavos da Rússia, Bielorrússia e Ucrânia. Foi em Kiev que as tribos eslavas aceitaram a fé cristã, o que fez dela uma cidade sagrada para os cristãos ortodoxos. A evangelização dos eslavos foi o acontecimento histórico que marcou o Principado de Kiev. O príncipe rus Vladimir recebeu clérigos bizantinos, que batizaram o povo de Kiev no rio Dniepre em 988. Um prelado metropolitano foi enviado de Constantinopla para gerir os

---

<sup>1</sup> Durante a produção desta dissertação houve uma mudança na transliteração do nome da Capital ucraniana, que internacionalmente era conhecida como Kiev, mas que está em idioma russo. A cidade passou a ser conhecida internacionalmente por Kyiv, grafia oficial na sua língua nacional. Kyiv também é reconhecida pela United Nations Conferences on the Standardization of Geographical Names e pelo UNGEGN (United Nations Group of Experts on Geographical Names). Essa dissertação faz uso de ambas as denominações em respeito às citações e fontes utilizadas.

assuntos da Igreja. Os clérigos levaram escrituras traduzidas para o eslavo registradas em um alfabeto cirílico inventado para esse propósito. (BURBANK; COOPER, 2019) Wright e Law (2012) dizem que o núcleo histórico da Rússia, Kiev hoje na Ucrânia, foi provavelmente fundada no século VI ou VII, como centro de um Estado feudal governado pela dinastia Rurik do século IX até o século XIII. Mais ou menos em 878, Igor avançou ao longo do rio Dnieper a partir de Novgorod e fez de Kiev a capital do Estado Varangiano-Russo, sendo a mais antiga cidade estabelecida, é conhecida como a “mãe das cidades russas” e a “Jerusalém da Rússia” como o primeiro centro da Igreja Ortodoxa Grega da Rússia. Moraes (2004) afirma que “a história da Ucrânia e a da Rússia se misturam em vários momentos desde a criação dos dois Estados. Para os russos, Kiev é o berço da Rússia moderna. Para os ucranianos, porém, a Rus de Kiev é [...] a mãe da Rússia moderna, mas não se confunde com ela”. Para Segrillo (2015), a origem da civilização russa não está na Rússia, mas sim na Ucrânia, no chamado Estado Kievano. Esse estado se formou em torno da cidade de Kiev no século IX, se estendendo assim até o rio Don, que era uma das fronteiras da Europa na época, compondo seu terreno mais oriental. Coincidentemente a Bacia do rio Don, ou Donbas se tornou o epicentro do conflito no leste ucraniano. Yekelchik (2015) afirma que o Rus de Kiev foi o maior estado europeu da sua época.

Na estrategicamente localizada estepe central ucraniana, em 9 de julho de 1709, foi travada a Batalha de Poltava, com os russos liderados pelo Czar Pedro, o Grande, e os suecos pelo Rei Carlos XII. Esse célebre embate vencido pelos russos definiu o curso da Segunda Grande Guerra do Norte, cujo resultado acabou com as aspirações suecas de se tornar um império europeu e transformou o Império Russo numa potência europeia.

Weir (2003) afirma que graças à vitória conquistada em Poltava - nos acordos de Estocolmo de 1719 e 1721 - a Rússia ganhou os territórios da Livônia, Estônia, Ingria e parte da Finlândia, tendo Pedro conseguido sua maior vitória militar e garantido sua saída para o Báltico, forçando a Rússia a se tornar parte da Europa. Essa batalha decidida em território ucraniano se tornou uma das mais célebres da historiografia militar russa, com profundas consequências geopolíticas que perduram até os dias atuais. Sobre Poltava, Montefiore (2018), destaca que ela foi “uma das batalhas decisivas da história europeia”.

Sakwa (2016), diz que no fim do século XVIII a Ucrânia era frequentemente descrita como *‘Malorossiya’* (Pequena Rússia), expressão originária dos mapas bizantinos que se referem à região como Lesser Rus ou Rus Minor. Essa visão malorussianista era vista na Ucrânia como uma emanção identitária da Grande Rússia daquele período histórico. Segundo Snyder (2019), a cidade de Kiev existira por cerca de 800 anos como uma metrópole europeia e sem qualquer conexão política com Moscou. Sua Academia era a mais alta instituição de ensino do reino que depois de 1721 passou a ser conhecido como Império Russo, e seus profissionais inflaram a corte, classe política, artística, industrial e militar russa. Winston Churchill uma vez disse que os Bálcãs produzem mais história que eles podem absorver. E de certa forma isso pode ser igualmente aplicável à Ucrânia. (SAKWA, 2016).

O largo território ucraniano está situado no coração do continente europeu. Na vila de Delovoe, na região da Transcarpátia existem marcos que afirmam estar localizado ali o centro geográfico da Europa. O primeiro sinal foi colocado em 1887 sob o imperador Franz Joseph I da Áustria, pelos membros da Academia Real de Ciências do Império Austro-Húngaro, quando aquela região estava em seus domínios. O segundo foi colocado pelos membros da Academia Soviética de Ciências. O terceiro, nos primeiros anos da independência da Ucrânia, depois que a União Soviética entrou em colapso.

De leste a oeste, a larga planície ucraniana abre as portas da grande massa terrestre conhecida como Eurásia. Na sua Teoria do *Heartland*, o Coração da Terra, o geógrafo inglês Halford J. Mackinder advoga que a massa terrestre representada pelo Império Russo, cujo território incluía a Ucrânia, era, geograficamente, um território invulnerável ao alcance das potências marítimas, e que no caso de uma aliança entre Rússia e Alemanha, do ponto de vista estratégico, representaria o domínio do território eurasiático. Mackinder citado por Cancian (2018) disse que dominar essa região significaria dominar o mundo. O geógrafo inglês resumiu seu pensamento do seguinte modo: "Quem controla a Europa Oriental, domina a Terra Central; quem controla a Terra Central, domina a Ilha Mundial; e quem controla a Ilha Mundial, domina o Mundo". Segundo Cancian (2018) “a Rússia, considerada o pivô geográfico, se situa no *Heartland* e possui uma massa terrestre contínua, que se estende da Europa Oriental ao Extremo Oriente, território riquíssimo em minerais estratégicos e energia que, articulados às potencialidades industriais da Alemanha, tornaria possível a exploração desses recursos em

benefício do desenvolvimento e da manutenção do poder militar estratégico”. (CANCIAN, 2018)

Os antecedentes históricos e religiosos deram a Kiev e à Ucrânia um status diferenciado e uma importância estratégica e simbólica para os russos. Séculos de guerras e revoltas passaram até a chegada do comunismo e o apogeu da União Soviética no século XX, quando a Ucrânia viria a ser reconhecida como sua segunda mais populosa e importante república, importante motor industrial, científico e econômico, cujas extensas planícies tinham as terras cultiváveis mais férteis da Europa. Na década de 1930 os agricultores do país foram contrários à política de coletivização do campo por entenderem que isso seria um segundo regime de servidão, se tornando um sério golpe à política imposta pelos líderes comunistas, que tinham de enfrentar crises internas e fome em seus diversos territórios, e as terras ucranianas eram conhecidas como celeiro da União Soviética. Conforme Kinson (2017)

[...] a partir de 1933, a coletivização forçada provocou o confisco de toda a produção agrícola. O "Holodomor", que deriva do ucraniano "moriti golodom" e se traduz como "matar de fome", foi uma catástrofe humanitária ocorrida nos anos 30 do século XX por causa da coletivização forçada da terra realizada pelo ditador soviético Iosef Stalin [...] Historiadores ucranianos consideram que foi uma política de extermínio deliberadamente planejada por Stalin para achatar toda a resistência contra o regime comunista, suprimir os movimentos nacionalistas e impedir a criação de um Estado Ucraniano Independente. (KINSON, 2017).

Em poucos meses, mais de 3,5 milhões de pessoas morreriam de fome e isto ficou marcado como uma cicatriz na memória da nação até os dias de hoje. Segundo Snyder (2019), o controle estatal da atividade agrícola matou de fome entre três e quatro milhões de habitantes da Ucrânia soviética. “A rica terra negra ucraniana esteve no centro de dois grandes projetos neoimperiais europeus do século XX – o soviético e o nazista” (SNYDER, 2019, p.147). Menos de uma década após o fim do Holodomor, a Alemanha nazista invadiu a União Soviética e ocupou o território ucraniano na busca do seu Espaço Vital, ou Lebensraum, trazendo mais mortes e desgraça à população:

Adolf Hitler via a Ucrânia como o território fértil que faria da Alemanha uma potência mundial. O controle da terra negra local era seu objetivo de guerra. Como resultado da ocupação alemã que começou em 1941, mais de três milhões de habitantes da Ucrânia soviética foram mortos, entre eles cerca de 1,6 milhão de judeus assassinados por alemães e por polícias e milícias locais. Além dessas perdas, mais cerca de três milhões de habitantes da Ucrânia soviética morreram em combate, como soldados do Exército Vermelho. Somando tudo, aproximadamente 10 milhões de pessoas foram mortas numa década, em



consequência de duas colonizações rivais do mesmo território ucraniano. (SNYDER, 2019, p.148)

Com o fim da União Soviética, a Ucrânia herdou parte significativa do seu poder de combate. Segundo Cirincione, Wolfsthal e Rajkumar (2005, p. 378-379), “a Ucrânia possuía o terceiro maior arsenal nuclear do mundo, algo superior a 1.900 ICBMs; entre 2.650 e 4.200 ogivas nucleares táticas em seu território, incluindo 176 silos de lançamento de mísseis balísticos intercontinentais (130 SS-19 e 46 SS-24) além de 44 bombardeiros estratégicos.” Em 1994, o país assinou com a Rússia, Estados Unidos e Reino Unido, o Memorando de Budapeste, o qual, em troca da transferência completa do seu arsenal nuclear aos russos e a adesão do país ao Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares, os signatários garantiam sua proteção contra qualquer ameaça à soberania, integridade territorial e guerra econômica. Sobre isso, o ex-ministro da Defesa ucraniano Pavlo Lebedev (2012) disse que

[...] a contribuição da Ucrânia para processo global de desarmamento nuclear é exemplo singular no mundo inteiro. Foi o nosso país que, pela primeira vez, levantou a questão de recusa completa de armas nucleares e foi por esse caminho até o fim, superando as dificuldades políticas, econômicas e sociais. Os fundamentais “princípios de recusa de armas nucleares”; “não aceitar e não fabricar ou adquirir armas nucleares” foram estabelecidos na Declaração de Soberania Estatal da Ucrânia, em 1990. Gostaria de destacar que a Ucrânia era a terceira potência mundial com seu arsenal nuclear, cedendo espaço somente para Rússia e Estados Unidos. A etapa prática de desarmamento nuclear começou com a sua retirada do território da Ucrânia, até o final de maio de 1992, de armas nucleares táticas. O envio de mísseis balísticos para a Federação Russa durou de 1994 até 1996. Em 2 de junho de 1996, a Ucrânia tornou-se completamente livre de armas nucleares. Em 1999, para a Rússia foram transferidos 11 bombardeiros estratégicos capazes de transportar tais armas e o restante desses aviões foi desmontado. [...] Em 2001, a Ucrânia colocou o ponto sobre o “i” com a eliminação do último sistema de lançamento em silo de mísseis balísticos intercontinentais SS-24. Com assistência financeira dos Estados Unidos (dentro do programa Nann-Lugar) e da Federação Russa, desempenhou papel importante na implementação oportuna dessas medidas. Hoje, a Ucrânia é um exemplo de uma política coerente e equilibrada no âmbito de desarmamento nuclear e de não proliferação dessas armas. Isso é confirmado pela total observância do nosso compromisso de retirar do nosso território as reservas de urânio altamente enriquecido e pela participação ativa em iniciativas internacionais para garantir o desarmamento nuclear global. A atividade do nosso país nesse contexto foi muito apreciada pela comunidade internacional, durante a Cúpula de Seul sobre Segurança Nuclear, em março de 2012. (LEBEDEV, 2012. p. 171).

A assinatura do Memorando de Budapeste foi para uma Ucrânia recém independente e seu maior erro estratégico, pois além de entregar a única arma que poderia dissuadir qualquer tipo de ameaça, a Ucrânia deixou de ser um participante de respeito na

comunidade internacional, advindo do poder coercitivo resultado da posse de tais armas. Dos signatários do dito memorando, somente a Ucrânia cumpriu sua parte. O Memorando de Budapeste foi um claro exemplo de que uma nação não pode abrir mão da sua própria independência no que tange a posse dos meios de defesa, e uma lição de que não se pode delegar a terceiros a responsabilidade por sua segurança. Alguns países (principalmente os Estados Unidos e outros membros da OTAN) argumentam que a recente agressão russa, incluindo a anexação da Crimeia, viola o Memorando de Budapeste que levou a Ucrânia a renunciar às armas nucleares em seu território após a dissolução da União Soviética e a adesão ao Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP).

Outro ponto importante da relação entre Rússia e Ucrânia é a questão da segurança energética. O gás natural tornou-se foco inevitável de crescentes tensões entre os dois países, uma questão que tem reflexo em todo continente europeu. Yergin (2014), afirma que pelo território ucraniano passam uma rede de gasodutos, responsável pelo transporte de 80% das exportações russas para a Europa. No mesmo sentido, no que se refere a interdependência industrial entre os dois países, outro ponto que exemplifica a importância atual da Ucrânia para Rússia é sua pujante indústria de material militar herdada após o colapso da União Soviética.

Uma das dimensões mais destacadas do interesse de Moscou é complexo industrial militar ucraniano, cuja maior parte está coincidentemente instalada nas Regiões Sul e Leste, o que deixa ainda mais clara a pressão russa. Representada pela empresa estatal Ukroboronprom, a Ucrânia foi, em 2014, o oitavo maior exportador de armas do mundo, com uma fatia de 3% do mercado global, ficando à frente de Israel e Itália. Por falta de conhecimento, muitas vezes é dito que determinado equipamento ou tecnologia é de fabricação russa, mas isso nem sempre é verdadeiro. Os maiores aviões cargueiros do mundo, como o An-225 Mriya, são de fabricação da empresa ucraniana Antonov que, apesar da crise, busca retornar aos negócios com o An-70, em muitos aspectos superando o A-400M, e o jato An-178, que surpreendeu e já alçou voo, deixando os concorrentes para trás, podendo ficar com fatia significativa do segmento de aeronaves de transporte multimissão. A Antonov Airlines é a principal fornecedora de serviços de transporte aéreo pesado do mundo, sendo a mais requisitada transportadora civil de equipamentos militares e de cargas especiais de grande volume. A Ucrânia também é sede da Motor Sich, uma empresa que projeta e fabrica motores de aviões e helicópteros, bem como para bombas de

gás, petróleo e outras aplicações, inclusive de geração de energia. Basicamente, quase todos os aviões civis e helicópteros militares soviéticos ou de fabricação russa estão equipados com seus motores. Também é responsável por prestar manutenção dos seus produtos, trabalhando diretamente com clientes no mundo todo, inclusive o novo treinador avançado russo YAK-130 e sua cópia, o chinês L-15, estão equipados com suas turbinas, reconhecidas pela robustez e alta confiabilidade. Caminhões militares, aviões, mísseis ar-ar e foguetes, este complexo gigantesco produz praticamente de tudo, e também detém uma das maiores indústrias de lançadores espaciais do mundo, representada pelas Yuzhnoye e Yuzhmash, que no seu período de “glória”, desenvolveram e produziram uma parte significativa dos mísseis balísticos nucleares intercontinentais soviéticos, entre eles o mais temível de todos e a arma mais mortal jamais construída: o SS-18 Satan. (KONRAD, 2016)

Para piorar as coisas, as empresas ucranianas são as principais fornecedoras de peças e subsistemas usados pela indústria de defesa russa, fator que gera uma dependência estratégica. As companhias do sul e da Crimeia equivalem a 30% da indústria de construção naval da União Soviética, e hoje continuam a prestar serviços neste segmento para muitas nações, como a China, para quem foi vendido o casco que se transformou no seu primeiro navio-aeródromo, o Liaoning, que entrou recentemente em serviço. O país asiático é hoje o principal cliente ucraniano no segmento de defesa. A Ucrânia é também um grande produtor de carros de combate e veículos blindados e suas instalações em Kharkiv projetaram e fabricaram os T-34, T-54, T-64, T-80, e seu T-84, na versão BM Oplot, é tão bom ou superior aos melhores similares russos da atualidade. Para Moscou, a ida da Ucrânia para a União Europeia, ou para a OTAN, significa a perda potencial de toda esta capacidade e a necessidade de substituí-la rapidamente, como foi ordenado pelo presidente Vladimir Putin, sem mencionar a possibilidade da venda de segredos militares que poderiam ajudar concorrentes do complexo industrial militar russo, ou pior, tais tecnologias e suas fraquezas poderiam cair nas mãos de potenciais inimigos. Cientistas e engenheiros ucranianos sabem muito dos mais profundos segredos militares da Rússia e são, de fato, pais de vários deles. (KONRAD, 2016)

### 3 A CRISE UCRANIANA

No afã de vir a ser aceita na União Europeia, a Ucrânia negociava um Acordo de Associação com o bloco europeu como um primeiro passo naquilo que seria sua guinada final ao Ocidente, dando as costas aos antigos parceiros da ex-União Soviética, sobretudo à Rússia de Vladimir Putin, ao mesmo tempo em que dava sinais de uma aproximação com a Organização do Tratado do Atlântico Norte. Já no fim de 1990 os EUA perceberam a importância estratégica de uma Ucrânia independente como um impedimento para uma potencial restauração da influência russa no Leste Europeu. Até então as relações da Ucrânia com a OTAN tinham sido muito limitadas, funcionando em um nível indefinido de “parceria”, e a União Europeia nunca havia oferecido ao país um caminho claro de ascensão.

Marshall (2019) afirma

que muitos países que foram parte da zona de influência soviética, e que coincidentemente sofreram com sua tirania, se juntaram à União Europeia ou à OTAN, como Polônia, Letônia, Estônia, Lituânia, República Tcheca, Bulgária, Hungria, Eslováquia, Albânia e Romênia. Geórgia, Ucrânia e Moldávia gostariam de se associar a ambas organizações mas têm se mantido à distância em razão da sua proximidade geográfica com a Rússia e porque todos têm tropas russas ou milícias pró-russas em seu solo. [...] a inclusão de qualquer um desses três na OTAN poderia desencadear uma guerra.

O presidente ucraniano, Viktor Yanukovich, um oligarca pró-russo que era natural da região do Donbas, onde tinha sua base eleitoral, e que entre 2004 e 2005 fora pivô da chamada Revolução Laranja - um ensaio da crise que estava por vir - deixou que a população nutrisse profundas expectativas com a assinatura do acordo com o bloco europeu, que na percepção do povo ucraniano sedimentava o caminho para o futuro ingresso na União Europeia. Entretanto, poucos dias antes de confirmá-lo, em novembro de 2013, para consternação geral Yanukovich decidiu-se por apoiar os esforços de Putin na sua União Eurasiana, um bloco econômico formado por ex-integrantes da URSS. (YEKELCHYK, 2015)

Snyder (2019) afirma que a Ucrânia tinha testemunhado mais violência no século XX do que qualquer outra nação, por isso a paz cívica do século XXI era uma conquista que inspirava orgulho. Foi neste sentido, que, convocados pela internet, grupos de jovens e ativistas foram para a principal praça da cidade, a Maidan Nezalezhnosti (Praça

da Independência), para protestar e cobrar explicações do governante. O povo estava decepcionado e se sentia enganado. A cada dia mais pessoas se juntavam ao grupo que não saiu mais de lá. À medida que a praça era lotada por milhares de manifestantes, crescia a repressão. Pessoas de diferentes classes sociais e representativas da sociedade ucraniana, desde trabalhadores assalariados, profissionais liberais, líderes políticos de diversos partidos e religiosos, uma maioria de estudantes e até de membros da comunidade diplomática, estavam lá para cobrar o que o governo havia prometido, e este movimento ficou conhecido como EuroMaidan, ou Revolução da Dignidade. A violenta repressão policial foi o combustível necessário para incendiar o movimento e fazer com que ganhasse repercussão internacional. Acampados em tendas protegidas por barricadas, os ativistas resistiram com pedras e coquetéis Molotov por quase três meses, enquanto aguentavam o inverno, com temperaturas que ultrapassavam os 20 graus negativos. Foi quando os primeiros manifestantes começaram a sumir e os primeiros mártires aparecer, momento que o protesto mudou de rumo para virar uma batalha campal entre repressores e aqueles que lutavam pela liberdade e a democracia. A polícia de elite, a Berkut, decidiu desferir o golpe final ao utilizar armamento real, provocando um massacre nas ruas do centro de Kiev. Nos 93 dias de acampamento, morreram 125 pessoas. O presidente Yanukovich, com receio de ser responsabilizado, decidiu fugir para Rússia, abandonando o cargo de presidente. De acordo com a Constituição, e em resposta à comoção nacional, o Parlamento votou sua destituição e a formação de um governo provisório até as novas eleições. Em público, trocas de farpas e acusações sobre o papel que cada um teve na crise; nos bastidores, uma luta entre Rússia e Ocidente era travada pela influência no futuro da estratégica Ucrânia. (KONRAD, 2016)

Snyder (2019) afirma que o movimento Maidan nasceu como um protesto pela defesa de uma futura integração à Europa e se tornou uma furiosa barricada de resistência à Eurásia. Do ponto de vista russo, pode-se acrescentar, além dos aspectos históricos, geopolíticos e de segurança, a intervenção da Rússia na Ucrânia e a sua anexação da Crimeia em 2014 resultam de uma combinação de motivações, medos (OTAN) e interesses nacionais e privados (oligarcas). Depois do período conhecido na Rússia como *pozor* (vergonha), no início dos anos 90, cresceu o sentimento de vitimização associado com a mudança radical na influência global de Moscou. A Rússia soviética passou de superpotência temida internacionalmente à um poder regional. Nisso acrescenta-se a expansão da OTAN para o Leste naquilo que é visto pelos russos como uma invasão

praticamente irrefreável do Ocidente na esfera de influência histórica da Rússia. A rica experiência histórica e cultural da Rússia Imperial, com seu controle de enormes áreas de território em toda a Eurásia é combinada com as preocupações pragmáticas sobre a segurança estratégica da Federação Russa contemporânea. Desde a Horda Dourada dos Mongóis no Século XIII, passando por Napoleão, Hitler e a expansão da OTAN para o Leste, conforme Kaplan, “os russos ficariam para sempre marcados pelos mais amargos sentimentos de inferioridade e insegurança” (KAPLAN, 2013, p.67) Segundo Vasylenko (2014), a visão da maioria dos cidadãos russos e da elite do país é de que a Ucrânia é uma parte da Rússia e não deveria existir separadamente dela. Eles culpam a Ucrânia pela desintegração do império soviético e acreditam que uma unificação dos territórios dos dois países dentro de um único Estado criaria uma superpotência do “mundo russo”, com uma igreja, uma língua e uma cultura. Nesta visão, uma Ucrânia independente representaria uma anomalia geopolítica e uma ameaça estratégica à Rússia, a qual, sem a Ucrânia, não é geopoliticamente completa e não conseguirá o status de uma superpotência global. A todos esses fatores, soma-se a influência da política interna e a paranóia de Vladimir Putin sobre a manutenção de seu regime.

Segundo Marshall (2018), Moscou ficou extremamente atenta quando a batalha política pela direção da Ucrânia se inflamou, em 2013. Para ele,

Enquanto um governo pró-russo dominasse Kiev, podiam ficar seguros de que sua zona de proteção permaneceria intacta e protegeria a planície norte da Europa. Mesmo uma Ucrânia estudadamente neutra, que promettesse não ingressar na União Europeia ou na OTAN e apoiar o arrendamento pela Rússia do porto de águas mornas em Sebastopol, na Crimeia, seria aceitável. O fato da Ucrânia ser dependente da Rússia para obter energia também tornava sua posição cada vez mais neutra aceitável, ainda que irritante. Mas uma Ucrânia pró-Ocidente, com ambições de ingressar nas duas grandes alianças ocidentais e que pusesse em dúvida o acesso da Rússia a seu porto no mar Negro? Uma Ucrânia que um dia pudesse até hospedar uma base naval da OTAN? Isso seria insustentável. (MARSHALL, 2018, p. 29).

Yekelchik (2015) afirma que a vitória do movimento EuroMaidan frustrou os líderes políticos russos e apenas forçou o regime de Yanukovich a dar as costas para o Ocidente. O Kremlin não conseguiu desfazer a derrubada do seu aliado em Kiev, mas poderia deixar aleijada a nova Ucrânia, subtraindo-lhe a Crimeia, ao mesmo tempo em que afirmava o papel geopolítico da Rússia. (2015. p. 4) Na sequência dos acontecimentos na Praça Maidan, irromperam protestos nas ruas de Simferopol, a capital da República Autônoma da Crimeia. Localizada na costa ucraniana no Mar Negro, a Península da

Crimeia foi transferida para o território ucraniano em 1954, pelo então líder soviético Nikita Krushev, num gesto considerado de forte simbolismo por ter como objetivo celebrar o 300º aniversário da integração da Ucrânia ao Império Russo, em referência ao Tratado de Pereyaslav, assinado em 1654. (KRAMER, 2014). De localização estratégica, esse território ucraniano abriga a sede da Frota do Mar Negro, instalada em Sebastopol, sendo este um dos dois únicos portos de águas quentes que a Marinha Russa tinha acesso, o outro era Tartus na Síria, sendo que ambos no prazo de um ano teriam sua posse assegurada e defendida. Haslam (2006) afirma que as limitações impostas pela natureza estão intimamente ligadas à condução da política externa russa. E essa consciência da geografia sempre desempenhou seu papel na política externa. Desde a conquista por Pedro, o Grande, de uma saída para o mar Báltico, a importantíssima fundação de São Petersburgo, e daquele momento em diante, da perpétua busca por portos de águas temperadas. Do ponto de vista geopolítico e militar, Marshall (2016) analisa que Sebastopol é o único porto de águas quentes da Rússia e leva em consideração que o presidente Putin precisou anexar a Crimeia, que tinha muitos ucranianos de origem russa, e o que é mais importante, seu porto.

Marshall (2018), destaca que

[...] a passagem do mar Negro para o Mediterrâneo é restringida pela Convenção de Montreux, de 1936, que deu à Turquia – hoje membro da OTAN – o controle sobre o Bósforo. Navios militares russos transitam pelo estreito, mas em números limitados, e isso não seria permitido em caso de conflito. [...] Sob os termos atualizados em 2011 do seu acordo de arrendamento do porto de Sebastopol, Kiev tinha o poder de impedir a modernização da Frota do Mar Negro da Rússia. (MARSHALL, 2018, p. 31).

Como principal base naval da Crimeia, a Frota do Mar Negro possui Comandos facilmente disponíveis para qualquer operação militar na península. Era improvável que fossem enfrentar qualquer séria oposição local. (YEKELCHYK, 2015) A agressão militar russa contra a Ucrânia começou em 27 de fevereiro de 2014 com a tomada forçada do Supremo Conselho da Crimeia e ocupação da península. (VASYLENKO, 2014) Foi então que centenas de soldados desembarcaram na península da Crimeia. Eles identificavam-se como sendo forças populares de autodefesa. Com os rostos cobertos por balaclavas, vestiam uniformes militares verdes sem qualquer insígnia ou marca de identificação. Estavam muito bem armados e usavam veículos militares com placas russas. (KONRAD, 2015) Poucos dias após a mudança do poder em Kiev, Comandos em

uniformes sem marcas ou insígnias (posteriormente revelados como soldados russos) iniciaram a tomada dos prédios governamentais, aeroportos e instalações militares na Crimeia. (YEKELCHYK, 2015). Cortaram todas as comunicações, destruíram centrais telefônicas e colocaram novos transmissores nas antenas de rádio e TV. Carros blindados BTR-90 e GAZ Tigr bloquearam as principais vias de acesso à península e cercaram as unidades militares ucranianas. Um bloqueio naval russo impediu que os navios da Marinha Ucraniana se fizessem ao mar e a Base Aérea de Belbek foi tomada pelos Pequenos Homens de Verde, com 45 MiG-29 capturados. Alguns aviões ainda conseguiram decolar e fugir para Ucrânia. A ordem de Kiev era não atacar ou aceitar provocações dos misteriosos soldados para não criar um conflito aberto com a Rússia, da mesma forma que havia acontecido na região georgiana da Ossétia do Sul, em 2008, cuja guerra fez a Geórgia perder 30% do seu território, incluindo a Abcácia. A maior parte dos militares ucranianos se rendeu, já que, devido à crise econômica, havia muitos anos que as Forças Armadas não realizavam o rodízio das tropas, e aqueles que serviam na Crimeia eram em sua maioria nativos de lá que tinham suas razões para não resistir e desertar. A comunidade internacional acusava a Rússia de enviar Forças Especiais para a Crimeia, o que era negado pelo Kremlin. Porém, isso seria admitido meses depois. Estava em andamento uma complexa operação diversionista organizada pela inteligência militar russa. Uma nova doutrina de emprego baseada na velha arte militar russa da “Maskirovka” (mascarados). (KONRAD, 2015)

A partir de 24 de fevereiro de 2014, 10 mil homens das forças especiais russas, fardados mas sem insígnia, seguiram para o norte pela península da Crimeia. No momento que deixaram suas bases, teve início uma invasão ilegal da Ucrânia. Kiev foi apanhada de surpresa no momento que a cadeia de comando era incerta, e a principal preocupação era evitar mais violência. Autoridades interinas ucranianas deram ordem para que as forças nacionais na península não resistissem. Na noite de 26 de fevereiro, o prédio do parlamento regional na cidade de Simferopol tinha sido tomado, e a bandeira russa foi hasteada. [...] Em 27 de fevereiro, Serguei Glaziev, o conselheiro de Putin sobre a Eurásia, fez uma chamada telefônica para a Crimeia para formar o novo governo. [...] Em 28 de fevereiro o Parlamento russo endossou a incorporação de território ucraniano à Federação Russa. (SNYDER, 2019. p.172)

Na sequência dos acontecimentos, após a ocupação e controle da península da Crimeia por forças russas, os legisladores locais agendaram a realização às pressas de um referendo, considerado inconstitucional pela lei ucraniana, sobre a independência da Crimeia e sobre sua anexação à Rússia, que foi realizado em 16 de março de 2014. De acordo com os resultados oficiais, que foram questionados por muitos analistas, 96,77 %



da população da Crimeia foi a favor, de um total de 83,1% dos votantes. As autoridades da Crimeia declararam a independência e no dia seguinte assinaram o tratado de acessão com a Federação Russa em 18 de março de 2014. (YEKELCHYK, 2015). O mesmo autor afirma que conflito armado não teria começado sem o precedente da Crimeia e outros sinais encorajadores vindos de Moscou, assim como armas e pessoal militar vindo da Rússia. No verão de 2014 houve evidências de transferências de armas do Exército Russo para os rebeldes, significando o envolvimento russo não declarado no conflito. Nesse sentido, Kasparov (2015) afirma que a Crimeia foi obrigada a realizar um referendo combinado sobre a união com a Rússia, uma votação que teve lugar segundo as condições impostas pelo Kremlin, à força das armas e com o resultado decidido. O fato de os habitantes já antes terem votado a favor de fazer parte da Ucrânia não foi referido. Na arena interacional, a reunificação da Crimeia e as ações no Donbas provocaram uma onda sanções. Mais imediatamente, desde que a Rússia empunhou seu poder de veto no Conselho de Segurança da ONU, os Estados Unidos patrocinaram uma votação na Assembleia Geral das Nações Unidas para suportar a “integridade territorial da Ucrânia” e condenar a anexação. Uma centena votou a favor enquanto 11 votaram contra, incluindo Cuba, Coreia do Norte e Venezuela [...]. Os 58 que se abstiveram incluíam alguns Estados importantes, como China e outros países do BRICS, incluindo Brasil. (SAKWA, 2016)

A intervenção russa na Crimeia e no leste da Ucrânia em 2013-2014 demonstrou uma mudança radical de paradigma da guerra convencional do século XX e uma evolução eficaz das técnicas empregadas por Moscou após a dissolução da União Soviética nos estados bálticos (1990-1991), Transnístria (1990-1992), Chechênia e Daguestão (1994-2009), e a guerra russo-georgiana de 2008. O ritmo acelerado dos eventos culminando na anexação da Crimeia pela Rússia e aquiescência de Kyiv em maior autonomia para o leste da Ucrânia pegou os líderes ocidentais de surpresa, temendo que o sucesso da Rússia na Ucrânia poderia levar a novas agressões no Estados bálticos, a Moldávia ou a Polónia. As metas de Moscou variam de anexação direta à criação e disciplina de estados enfraquecidos ao longo de toda a sua periferia. As técnicas não-convencionais de guerra da Rússia contestam as disposições do Artigo 5 da Carta da OTAN porque o tratado invoca a defesa coletiva em resposta ao “ataque armado” por outro poder. Durante as campanhas na Ucrânia, Moscou negou envolvimento e empregou *proxies* e dissimulação para obviar o estigma associado à uma invasão armada convencional. (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2015, p. 13)

O conjunto das diversas ações empreendidas pela Rússia na crise ucraniana é conhecido na doutrina militar russa como Maskirovka.

#### 4 A MASKIROVKA

A bibliografia sobre a Maskirovka é abundante no exterior, sobretudo nos países da ex-União Soviética (USSR) e nos Estados Unidos da América (EUA), devido às várias ocasiões históricas em que foi usada, tais como: na Segunda Guerra Mundial, na Crise dos Mísseis cubanos e em outros episódios durante a Guerra Fria. Segundo Aranha (2015), um memorando de Stalin a Molotov datado de 07 de outubro de 1929, se referiu “aos grupos armados de tropas soviéticas sem identificação infiltrados na Manchúria para combater e eliminar as milícias dos Senhores de Guerra chineses ao longo do eixo da Estrada de Ferro Chinesa do Leste, que a União Soviética por fim passou a controlar (Letters Stalin Molotov. 1925 - 1936. Collection of Documents. M., "Young Russia", 1995, str.167-168)”. Ainda numa perceptiva histórica, (PIRNIE, 1985), antes da invasão alemã, os soviéticos reconheceram a dissimulação como a principal maneira de obter surpresa. De acordo com o Regulamento do Exército Vermelho em 1939, a dissimulação envolvia ocultação, simulação, desinformação e demonstrações, sendo que todos estes métodos foram contidos numa única palavra russa Maskirovka.

Toda guerra é baseada no engodo. (TZU, 2011). Há mais de dois mil anos, o estrategista militar da China antiga Sun Tzu já se dava conta que a guerra indireta é uma das formas mais eficazes de combater um inimigo. (KORYBKO, 2018) Overy (2014) ressalta que os russos na Segunda Guerra Mundial foram os mestres no que era conhecido como a arte do artilheiro estratégico, e que essa tática era tão essencial no planeamento que ganhou um termo especial, maskirovka, ou “camuflagem de intenções”. O autor afirma que “desde a vitória sobre as forças do Eixo em 1942, quando o engodo foi crucial na estratégia russa de recuperar Stalingrado, o recurso de iludir o inimigo quanto à própria força e às intenções foi fundamental para melhorar a sorte dos soviéticos”.

No início de 2014, a crise ucraniana dominou o noticiário nacional e internacional. Segundo Konrad (2016, p. 99, grifo nosso):

**Misteriosamente, centenas de soldados desembarcaram na Crimeia. Eles identificavam-se como sendo forças populares de autodefesa. Com os rostos cobertos por balaclavas, vestiam uniformes militares verdes sem qualquer insígnia ou marca de identificação.** Estavam muito bem armados e usavam veículos militares com placas russas. Cortaram todas as comunicações, destruíram centrais telefônicas e colocaram novos transmissores nas antenas de rádio e TV. Carros blindados BTR-90 e GAZ Tigr bloquearam as principais vias de acesso à península e cercaram as unidades militares ucranianas. Um bloqueio

naval russo impediu que os navios da Marinha Ucraniana se fizessem ao mar e a Base Aérea de Belbek foi tomada pelos Homens de Verde, com 45 MiG-29 capturados. Alguns aviões ainda conseguiram decolar e fugir para Ucrânia. (KONRAD, 2016, p. 99)

As análises políticas e geoestratégicas foram abundantes na época, seja pela forma como ela aconteceu, seja por suas implicações jurídicas ou estratégicas, principalmente no que tange à Segurança Internacional. Isso se deve pelo fato de ter originado o maior choque entre o Ocidente e a Rússia desde o final da Guerra Fria, gerando uma súbita desconfiança mútua entre os membros da OTAN e a Rússia em um rearranjo de forças na região. É nesse sentido que, por exemplo, Prazeres (2014, p. 24) afirma que a “Rússia invadiu [a Ucrânia] com forças ligeiras, aparentemente com uma postura que deixa indiciar boa preparação militar e marcou a sua posição de força com militares no terreno e não só com presença marítima e aérea”. O general norte-americano Jack Keane, sobre o conflito na Ucrânia, disse que “esta é a linha de frente de uma nova geração de guerra”. (PETERSON, 2017)

Consoante Sinclair (2016), o Secretário de Estado dos EUA, John Kerry, incrédulo diante da intervenção da Rússia na Ucrânia, em 2014, comentou: “Não se pode, em pleno século XXI, portar-se à maneira do século XIX, invadindo outro país sob um pretexto totalmente inventado”. Sobre a consequência da primeira fase da Maskirovka na Ucrânia, Sloboda (2014, p. 12) apregoa que a independência da Crimeia foi ilegal, pelo motivo de a sua declaração “[...] ter sido realizada em decorrência da impossibilidade de a Ucrânia exercer soberania sobre esse território”. Sobre a crise ucraniana Pomeranz (2014, p. 1), informa que “[...] surgiram acusações de que a Rússia estaria não só as estimulando, como delas participando diretamente, através de militares dos seus serviços especiais”. Neste sentido, Snyder (2019) destaca que unidades do Exército Russo estiveram na Ucrânia, entre elas a 16ª Brigada Independente das Forças Especiais do GRU. O autor afirma que campanha russa contra a Ucrânia foi também a mais ampla ciberofensiva da história.

O vice-ministro de Relações Exteriores da Polônia Boguslaw Winid (2014) também analisa o imbróglio belicoso no leste europeu, sob o prisma do Direito Internacional, ao sustentar que:

[...] a situação na Ucrânia está se desenvolvendo numa péssima direção. Nós poderíamos falar sobre um tipo de invasão, não com tanques, mas uma invasão

do século 21, utilizando forças especiais, grupos irregulares e elementos sem insígnias. (WINID, 2014, p. 78).

Em 2003, Johnson e Mayeraan concluíram que a dissimulação militar objetiva negar e engodar, pois, ao se negar, esconde-se a realidade; enquanto que o enganar mostra a falsidade. A negação e o engodo são artes militares operacionais, e a propaganda e a desinformação são seus subprodutos, tendo como alvo os tomadores de decisão, moldando seu adversário em favor da sua causa. Smith (1988), por seu turno, aponta que as formas operativas consistem no engano, imitação, simulação, ações demonstrativas e desinformação. Sobre a dissimulação, Luttwak (2009) diz que ela pode ser obtida sem qualquer perda de poder de combate, apenas pelo lançamento de mentiras bem platandas, e que, na maioria dos casos, exigirá ações diversionárias substantivas que desviem o foco do observador inimigo. Profundo conhecedor da União Soviética, George F. Kennan analisa que os embates das grandes potências não tiveram lugar dentro de moldura nenhuma da lei internacional, sejam elas democráticas ou autoritárias, estiveram preparadas para “empregar uma variedade de engodos (...) tão ilimitada quanto a engenhosidade humana, e desagradáveis quase na mesma medida”. Isso inclui “persuasão, intimidação, trapaça, corrupção, infiltração, subversão, barganha, blefe, pressão psicológica, pressão econômica, penetração, sedução, chantagem, roubo, fraude, estupro, combate, assassinato e morte súbita”. (GADDIS, 2014)

Assim, a Maskirovka, inserindo-se nessa panaceia militar, pode ser empregada em todos os níveis da atividade militar, desde o tático até o estratégico. Desta forma, a ilegalidade do ato político da Crimeia e a efetividade do ato militar russo conjugam-se para lançar luz sobre causas e efeitos em torno do tema em tela.

A Maskirovka se inclui dentro das operações de dissimulação militar, que visam confundir o adversário sobre suas ações e intenções, a fim de alcançar uma vantagem tática ou estratégica por meio de desinformação, camuflagem, operações psicológicas, guerra da informação (info war) e cibernética (cyber war), propaganda, inteligência humana (HUMINT), inteligência de sinais (SIGINT), guerra eletrônica (electronic warfare - EW) e de uma insurreição armada. Snyder (2019) destaca que, mesmo “modesta em termos militares, a invasão russa do sul e depois do sudeste da Ucrânia envolveu a campanha de propaganda mais sofisticada da história das guerras.”

Amalgamada e enviesada estrategicamente, a Maskirovka moderna faz parte de uma operação encoberta ou executada clandestinamente sob uma forma de uma guerra híbrida – como as analisadas nesta pesquisa –, de magnitude atípica daquelas operações pontuais normalmente realizadas por elementos de Forças Especiais (SPETSNAZ).

Roberts (2015) descreve a Maskirovka como um termo genérico que consiste na aplicação focada de uma série de táticas e procedimentos que o Exército Vermelho manteve como princípios doutrinários e que incluíam o conceito abrangente de que ações militares deveriam sempre ser escondidas do inimigo pelo maior tempo possível; além disso, a intenção de um comandante deve sempre ser mascarada para aumentar as chances de surpresa nos níveis tático e operacional. "De fato, a Maskirovka ajudou os soviéticos a alcançarem surpresa em várias ocasiões durante a Segunda Guerra Mundial, sendo que a família de capacidades que compunham a tradicional Maskirovka incluía camuflagem, engano, negação, subversão, sabotagem, espionagem, propaganda e operações psicológicas"! (ROBERTS, 2015). Para o referido autor, o que se passou na Ucrânia pode ser denominado Maskirovka 2.0, uma continuação da velha abordagem militar, à qual se deve adicionar coerção, manipulação de mídia, o emprego de combustíveis fósseis, acesso à energia e preço como arma, ciberataques, agitação política, uso de agentes provocadores, o destacamento de forças militares em status clandestino e o desenvolvimento de forças substitutas, fornecendo armas, equipamentos, treinamento, inteligência, apoio logístico e comando e controle. Além disso, o Maskirovka 2.0 depende de diplomacia secreta e baixa visibilidade e/ou ocultação na preparação do plano clandestino nos níveis político, militar, econômico e informacional. (ROBERTS, 2015).

Lindley-French (2015), analisa que o uso russo de guerra híbrida ou não-linear na Ucrânia também sugere o embaçamento da distinção tradicional da OTAN entre defesa coletiva e segurança coletiva:

Maskirovka é na verdade guerra que está aquém da guerra, uma estratégia proposital de engano que combina o uso da força com desinformação e desestabilização para criar ambiguidade nas mentes dos líderes da Aliança sobre como melhor responder.

Mahda (2018) conceitua guerra híbrida como

um conjunto de ações militares, diplomáticas, econômicas e informacionais, pré-preparadas e operacionalmente implementadas com o intuito de atingir objetivos estratégicos. Sua importância chave é a subordinação aos interesses de um Estado específico com relação a outro, em condições de preservação formal

da estrutura política e da soberania do país que se tornou alvo da agressão. Os componentes básicos da Guerra Híbrida podem incluir ameaças tradicionais e fora do padrão, terrorismo, ações subversivas, tecnologias novas e não-convencionais a fim de conter a superioridade militar do inimigo.

Aranha (2015) analisa a visão russa, onde uma guerra híbrida representaria uma resposta não-convencional à ameaças de mesma magnitude, conforme salienta a Doutrina Gerasimov:

Assistimos no século XXI a uma tendência de suprimir as linhas de separação dos estados de guerra e de paz. As guerras não mais são declaradas e, uma vez iniciadas, comportam-se de acordo com um modelo não-familiar. A experiência dos conflitos militares – inclusive aqueles conectados às assim chamadas “revoluções coloridas” no norte da África, Oriente Médio e Eurásia – confirmam que um Estado normalmente próspero pode, em questão de meses e até dias, transformar-se numa arena de ferozes conflitos armados, tornar-se vítima de intervenção estrangeira e afundar num mundo de caos, catástrofe humanitária e guerra civil.

Han (2014, p. 39) destaca que a anexação da Crimeia pela Rússia pegou o mundo desprevenido:

Os militares russos categoricamente disfarçaram suas ações e as veementemente negaram, mas os "pequenos homens de verde" que apareceram naquela península no Mar Negro foram um caso russo de dissimulação conhecido como Maskirovka. Dada à crença comum de que as Potências Ocidentais tinham monitorado cada metro do mundo por satélites de reconhecimento e de todos os canais de informação eletrônica, uma teoria perpetuada pelo aumento recorrente de vazamentos de informações classificadas, isto foi especialmente espantoso. Vivemos em tempos onde é certo que não existe nenhum jeito onde que uma grande operação militar possa ser realizada sem disparar um de muitos alertas - mas a anexação da Crimeia mostrou que o lugar da supostamente antiquada estratégia militar da dissimulação permanece e muito na era da informação moderna. Dissimulação explora a eficácia da surpresa para atingir objetivos militares, ocultando ou disfarçando intenções e os detalhes operacionais de suas forças. A capacidade de manipular e disseminar informações atualmente ampliou enormemente as capacidades de expandir sua influência além dos domínios estratégicos.

Segundo Kasparov (2015), com a ocupação da Crimeia no final de fevereiro de 2014, Vladimir Putin, pela segunda vez em seis anos, ordenou que tropas russas atravessassem uma fronteira internacionalmente reconhecida para ocupar um território. Segundo o autor, Putin se tornou membro de um clube exclusivo, ao lado de "Saddan Hussein e Slobodan Milosevic, como um dos poucos líderes que invadiram uma nação vizinha na era nuclear. Poucas semanas depois Putin superou Milosevic anexando formalmente a Crimeia tal como Hussein fez com Kuait".

Amanda Paul, jornalista investigativa turca citada por Aranha (2015) afirma que

[...] a operação de ocupação e anexação da Crimeia é o mais recente exemplo de Guerra Híbrida: (...) Começou com a presença em Fevereiro de 2014 dos ‘*little green men*’ na península, homens fortemente armados sem insígnia e identificação. Espalharam-se e tomaram pontos chave da infraestrutura, pavimentando o caminho para a separação da Crimeia. Na ocasião, Putin, questionado, insistiu que se tratava de ‘forças de autodefesa locais’. Mais tarde, após a anexação, admitiu que tropas russas estavam envolvidas na operação. A expressão *little green men* é um eufemismo de *active intelligence* empregada pelos soviéticos para abertamente cognominar grupo de irregulares comandados e patrocinados secretamente pelo Estado.

A anexação da Crimeia, região mais ao sul do território ucraniano serviu para atingir dois grandes objetivos estratégicos russos ao impossibilitar à Ucrânia de se unir à OTAN ou ser aceita na União Europeia, já que nenhuma dessas organizações aceita a entrada de novos membros que estejam envolvidos em disputas ou conflitos territoriais. Yekelchik (2015), diz que a luta no leste da Ucrânia, para ser preciso, nas províncias de Donetsk e Luhansk combina características de uma invasão estrangeira encoberta com as de um conflito civil. Nesse sentido, os princípios-chave da supracitada guerra não-convencional russa podem ser descritos como uma estratégia própria para lidar com estados e regiões na periferia do país; a primazia de fatores não militares, como política, diplomacia, economia, finanças, informação e inteligência; primazia do domínio da informação: uso de guerra cibernética, propaganda, engodo, especialmente destinado à população de fala russa; negação persistente de operações russas e uso de agentes próprios operando em locais não identificados; uso de intimidação, suborno, assassinato e agitação, com destaque para o início da atividade militar sem declaração de guerra; cujas ações parecem ser espontâneas, executadas por tropas locais / milícias ou por procuração, com civis armados e forças de autodefesa, além de grupos paramilitares formados por mercenários nacionais e estrangeiros cujas ações são geralmente não-lineares e assimétricas ao invés do uso preponderante de forças regulares. Snyder (2019) destaca que a invasão da Crimeia foi feita com soldados de verdade fingindo serem guerrilheiros locais, uma tática de guerra que pode ser descrita como assimetria invertida, onde o forte usou táticas de guerrilha e terrorismo contra o mais fraco.

Marshall (2018) afirma que a anexação da Crimeia mostrou como a Rússia está preparada para a ação militar com o objetivo de defender o que vê como seus interesses no “exterior próximo” e o apoio dissimulado aos levantes na Ucrânia oriental

tinha o benefício de poder ser negado no palco internacional. Segundo Ramos (2017), “a invasão da Geórgia e da Ucrânia, fora do quadro das Nações Unidas, tem levado diversos analistas a mostrarem preocupação profunda perante o que consideram ser o sentimento de liberdade de ação russa perante um ocidente considerado dividido, desgastado e expectante [...] materializam o regresso da Rússia ao tabuleiro mundial da paz e de guerra”.

Simpson (2014) destaca:

A anexação da Crimeia foi a mais suave invasão dos tempos modernos. Ela terminou antes mesmo que o mundo se desse conta de que havia começado. [...] Esses pontos eram controlados por homens que usavam uma grande variedade de uniformes: do Exército ucraniano, da polícia ucraniana e fardas camufladas sem a insígnia do país. [...] No dia seguinte, 2 de março, tudo já estava feito. Enquanto o mundo esperava que navios de guerra russos chegassem para tomar a Crimeia, isso já havia acontecido de forma discreta. [...] Em dois dias, as bases militares ucranianas foram cercadas por soldados. Eles carregavam armas russas modernas, mas seus uniformes não tinham nem símbolos nacionais ou brevês de unidades – tampouco marcas de patentes. [...] A operação toda foi bem planejada e executada. Mas não há absolutamente nenhuma dúvida sobre o que ela foi – um rápido e sem muito derramamento de sangue golpe de Estado. (SIMPSON, 2014).



## **5 REALISMO, SOBERANIA E NOVAS GUERRAS.**

### **5.1 Realismo**

Mingst e Arreguín-Toft (2014), analisam que entre as numerosas questões que preocupam os atores nas relações internacionais, a guerra é a mais antiga, a mais preocupante e, no longo prazo a mais saliente. A busca de uma resposta sobre a naturalidade ou não da guerra, como forma de resolução de conflitos de interesses entre os Estados soberanos ou sua inevitabilidade como condição natural tem instigado os teóricos das Relações Internacionais, e que numa visão realista da guerra diz que ela é uma condição necessária da política interestatal, podendo ser administrada, mas nunca erradicada. Os teóricos clássicos do Realismo, que vão de Tucídides e Maquiavel, de Hobbes a Hans Morgenthau, argumentam que a natureza humana torna improvável a possibilidade de se transcender a guerra. Mingst e Arreguín-Toft, na busca de uma definição, afirmam que a guerra é um “ato político organizado e deliberado promovido por uma autoridade política estabelecida, que deve causar mil ou mais mortes em um período de doze meses e requer pelo menos dois atores capazes de prejudicar um ao outro” (2014, p. 206) No entendimento de Hans Morgenthau, o principal autor Realista do século XX, “homens e mulheres possuem um desejo pelo poder”, o que é claramente demonstrado na política internacional. Segundo Morgenthau, “A política é uma luta pelo poder sobre os homens e quaisquer que sejam seus objetivos finais, o poder é seu objetivo imediato e as formas de adquiri-lo, mantê-lo e demonstrá-lo, determinam a técnica de ação política”. (apud JAKSON; SORENSEN, 2013, p. 98) O núcleo normativo do Realismo é a segurança nacional e a sobrevivência estatal: estes são valores que impulsionam a doutrina e a política externa. O fato de que todos os Estados devem seguir o próprio interesse nacional significa que não é possível confiar completamente em outros países ou governos, e que os acordos internacionais são provisórios e condicionais, sendo que um Estado o cumpre de acordo com sua vontade e disposição. No caso de um conflito, todos os Estados devem estar preparados para sacrificar suas obrigações internacionais em função do interesse nacional. Ou seja, tratados e outros acordos, convenções, hábitos, regras, leis entre os países são simplesmente contratos convenientes que podem e serão ignorados, se prejudicarem os interesses vitais dos Estados. Não há obrigações internacionais no sentido moral entre Estados independentes, e a única responsabilidade fundamental dos estadistas é

promover e defender o interesse nacional. (apud JAKSON; SORENSEN, 2013, p. 98) Essa visão maquiavélica das relações internacionais, onde os fins (a segurança e os interesses do Estado), justificam os meios usados para alcançá-los, explica as razões pelas quais Vladimir Putin ignorou o Tratado de Budapeste, a integridade territorial e o Tratado de Amizade e Cooperação Bilateral entre Rússia e Ucrânia, anexando a Crimeia e criando um conflito com o país vizinho. Ou seja, numa visão realista, no caso de ameaça ou de guerra, uma nação pode escolher usar todos os meios necessários – ou disponíveis - para assegurar a manutenção dos seus interesses, escolhendo pagar o preço que for necessário por ignorar a leis e tratados que regem e mantêm o ordenamento jurídico do sistema internacional.

Segundo Mearsheimer,

Países localizados em áreas de risco, nas quais haja intensa concorrência em termos de recursos de segurança, estão mais propensos a mentir do que Estados que vivem em regiões relativamente pacíficas. Essa tendência é resultado do alto valor que os governos depositam na sobrevivência. Estados que operam em ambientes de grande perigo invariavelmente possuem um acurado senso de vulnerabilidade e, portanto, estão fortemente inclinados a empregar qualquer tática ou estratégia que possa ampliar sua segurança. (2011, p.67)

Em outra perspectiva realista, que afirma ser “a guerra à continuação da política por outros meios” (CLAUSEWITZ, 2010), a crise ucraniana insere-se no contexto dos conflitos regionalizados, ao buscar assegurar a manutenção dos objetivos políticos da Rússia em seu entorno geoestratégico. Mearsheimer (2014), em uma perspectiva neorrealista afirma que a crise ucraniana foi provocada pela intervenção dos países do Ocidente, que, ao forçarem um avanço da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) no entorno geoestratégico russo, configurou seus movimentos como uma ameaça à segurança nacional da Rússia, principalmente por intermédio do encorajamento e da possibilidade de que o ingresso da Ucrânia na Aliança Atlântica oportunizasse a instalação de uma base naval no estratégico porto de Sebastopol, sede da Frota do Mar Negro da Marinha Russa e de bases aéreas na península da Crimeia. Em relação aos realistas, os neorrealistas substituem a ênfase na natureza humana pela ênfase na estrutura, argumentando que a guerra será uma característica permanente da política interestatal, e enquanto houver anarquia, ela não poderá ser transcendida. Kenneth Waltz enfatiza a atividade central de sistemas estatais anárquicos: a política de poder, e assume que o foco dos Estados é a sua própria segurança e a sobrevivência, sendo a guerra o principal problema do conflito entre grandes potências. (apud JAKSON; SORENSEN, 2013, p. 98)

## 5.2 Soberania

O sistema contemporâneo de Estados iniciou em 1648, ano dos Tratados da Vestfália, que encerraram a Guerra dos Trinta Anos. A noção de Estados-membros soberanos e juridicamente iguais no sistema internacional se tornaria o alicerce das relações internacionais, originando a concepção da soberania, que numa definição, seria a autoridade do Estado sob seu território e o direito de exercer poder sobre ele e seu povo. Neste sentido, esses tratados introduziram o princípio da não-interferência nos assuntos de outros Estados (MINGST, ARREGUIN-TOFT, 2014).

Colombo (2007) afirma que a "integração do Estado na sociedade internacional é marcada não apenas pela igualdade entre os Estados, mas também pela idéia de soberania".

[...] soberania e a luta pelo poder constituem o núcleo da sociedade internacional moderna, porque ante a ausência de qualquer poder superior que detenha o monopólio da violência legítima, cada Estado procura garantir sua segurança com suas próprias forças, resultando em constantes conflitos entre os mesmos. E, segundo, porque a sociedade moderna se estrutura a partir dos princípios da soberania e da igualdade, ou seja, se reconhece o Estado como potência soberana. (COLOMBO, 2007)

A Doutrina da Soberania Limitada foi criada por Leonid Brejnev como uma resposta à Primavera de Praga a fim de assegurar os interesses da União Soviética e proteger o socialismo na arena internacional. Judt (2008), sobre Brejnev, disse que o enfraquecimento de qualquer elo do sistema mundial socialista afeta, diretamente, todos os países socialistas, e estes não podem contemplar tal situação com indiferença. Sendo uma asserção velada do direito do Kremlin de agir preventivamente toda vez que seus interesses fossem ameaçados. Sendo uma expressão da política externa do império soviético, ela previa, como o próprio nome diz, um reconhecimento limitado da soberania nacional nos países do bloco socialista, legitimando a violação territorial, a interferência direta nos assuntos internos [dos Estados], podendo ser alvos de intervenção armada, sofrendo invasão com tropas de ocupação de forma a salvaguardar os interesses políticos e estratégicos de Moscou, conforme aconteceu na Checoslováquia, e foi justificada para a invasão do Afeganistão. Finda a União Soviética, sua sucessora Rússia fez uso de uma interpretação similar do conceito de soberania limitada na sua política exterior ao empreender ações econômicas, diplomáticas, cibernéticas e militares contra países da sua zona de influência (ex-repúblicas soviéticas) que mostrassem desalinhamento com os

interesses do Kremlin ou que, no seu entendimento, ameaçassem populações russófonas ou de russos-étnicos.

O conceito de política externa do ministro do Exterior [russo] Lavrov, invocado para justificar a invasão da Ucrânia, repetia o princípio de que um Estado pode interferir para proteger qualquer um que defina como membro da sua própria cultura. Foi o argumento usado por Hitler para anexar a Áustria, repartir a Tchecoslováquia e tomar a Polônia em 1938 e 1939, e o argumento usado por Stálin quando entrou na Polônia em 1939 e anexou a Estônia, a Letônia e a Lituânia em 1940. (SNYDER, 2019. p.181)

Tanto a doutrina da Soberania Limitada quanto as ações na Ucrânia [e em 2008 na Geórgia] são ilegais do ponto de vista jurídico, conforme o Artigo 2, Capítulo 4 da Carta das Nações Unidas, que afirma que “Todos os membros deverão evitar em suas relações internacionais a ameaça ou o uso da força contra a integridade territorial ou a dependência política de qualquer Estado, ou qualquer outra ação incompatível com os Propósitos das Nações Unidas”. (1945, p.6) Snyder (2019), afirma que ao alegar que o direito internacional não protege fronteiras entre os países, a Rússia abriu caminho para que outros países quando e se quiserem, usem do mesmo argumento.

O vice-ministro de Relações Exteriores da Polônia Boguslaw Winid, sobre a crise ucraniana sustenta que:

“Nós somos vizinhos de Rússia e Ucrânia e possuímos cooperação política e econômica com ambos. Não queremos guerra próxima às nossas fronteiras, o que seria um cenário extremamente preocupante. Não importa o seu tipo pois toda guerra é errada, principalmente quando pode desestabilizar toda uma região. Por isso nós defendemos os acordos de Genebra como instrumentos a serem utilizados para atingir os compromissos acordados. Um país não pode ditar para outro qual deve ser o seu sistema político. Cada país é soberano, e a ideia de soberania deve ser aplicada. Eu quero dizer que ninguém tem o direito de dizer para o outro país ou para outro governo que tipo de sistema interno ele deve ter. Isso deve depender do seu povo, aliás, um ponto bem básico este, onde o povo tem os mecanismos necessários para decidir através do voto democrático.” (WINID, 2014, p. 144)

A vice-ministra da Informação ucraniana Emine Dzhaparova, analisa os fatos ocorridos em 2014 e destaca uma série de violações de ordenamento jurídico e que ferem a soberania do país.

[...] a Rússia ocupou a Crimeia com militares russos, mesmo que a Federação Russa o negasse, e depois organizou um referendo falso, que não pode ser considerado uma verdadeira votação como eles reclamam. Como podem dizer que a maioria dos habitantes da Crimeia votou pela união com a Rússia se com aquela presença dos soldados russos nunca poderia haver uma votação livre. Outro ponto é que invadindo a Crimeia a Rússia violou mais de 300 acordos internacionais e bilaterais com a Ucrânia. E de forma a integrar o território no

quadro legal russo adotou mais de dois mil atos ilegais, entre os quais 15 leis constitucionais. Isto foi um crime planejado e bem preparado. (DZHAPAROVA, 2019)

Sob o pretexto de proteger populações de origem russa ou russófonas, a Rússia invadiu a Ucrânia, entretanto, conforme Snyder (2019, p. 239), “Moscou jamais representou, nos 22 anos de existência comum da Federação Russa e da Ucrânia, uma queixa formal sobre o tratamento dos russos na Ucrânia.” (2019, p.203) A problemática do caso ucraniano, segundo Mahda (2018) pode ser configurada como uma agressão, que é o uso da força por um Estado contra a soberania, integridade territorial ou independência política de outro Estado, ou qualquer outra maneira incompatível com a Carta das Nações Unidas, e pela anexação [como no caso da Crimeia], que é uma das formas de agressão, a qual é configurada quando exista uma separação forçada de um território ou parte dele, de um Estado por outro Estado unilateralmente, impondo uma mudança no status legal do território anexado.

### **5.3 Novas guerras**

O advento das novas tecnologias teve reflexo direto no campo de batalha e na forma como os Estados têm travado suas guerras, colocando-as sob uma nova perspectiva. Segundo Cabral (2018), “os conflitos do pós-Guerra Fria seriam, em sua maior parte interestatais, de soldados regulares contra combatentes irregulares pelos controle de território ou do governo, podendo haver intervenções externas contra estruturas de poder nos Estados falidos ou contra grupos terroristas”. O autor assinala que nos novos conflitos, coloca-se em dúvida a capacidade dos exércitos convencionais em lidar com as ameaças ou oponentes nesse novo cenário. Ao destacar os conflitos da Somália, Ruanda, Balcãs e Afeganistão, argumenta-se a favor de uma mudança na natureza da guerra, e que os Estados têm que adaptar suas forças militares a estes novos paradigmas.

Uma importante teoria que exemplifica a mudança na forma de fazer a guerra é da Guerra Irrestrita, lançada em 1999 pelos autores chineses Qiao Liang e Wang Xiangsui. Conforme Cabral, “a proposição de um novo princípio de guerra prescreve a utilização de todos os meios disponíveis, a onipresença da informação e a generalização do campo de batalha, o uso e fusão de todas as armas com todas as tecnologias disponíveis, eliminação das fronteiras, da guerra e da paz, dos meios militares e não militares, advogando pelo fim das regras da guerra” (2018). Esse conceito pode muito bem ser

resumido como uma guerra dentro da paz, sem os controles das normas internacionais e ignorando a soberania das nações. Em 2005, Willian Lind, compreendendo as transformações nas formas de como fazer a guerra, substanciado pelas mudanças tecnológicas, destacou a 4ª Geração da guerra como uma condição aonde o Estado perdeu o monopólio sobre o exercício da violência e da guerra. Nesses conflitos, os exércitos regulares ao combater forças irregulares perderiam os embates. Dentro do espectro dos conflitos de 4ª Geração estariam o terrorismo, imigração desenfreada, guerrilheiros e insurgentes, naquilo que alguns autores afirmam ser um retorno ao modo de guerra travado antes do surgimento do Estado-Vestfaliano.

Sobre a Teoria da Guerra de 4ª Geração, Visacro (2018) afirma que seus autores procuravam identificar as prováveis características dos combates do futuro e delinearam uma nova forma de conflito, que se destaca pela perda do monopólio estatal sobre a guerra, a mudança do enfoque dado pelo inimigo, que agora se concentra em atingir os corações e as mentes no interior da sociedade e não somente preocupa-se em destruir as forças opositoras, privilegiando ações assimétricas e de combate indireto. Visacro afirma que “um conflito de quarta geração se decide nos níveis operacional, estratégico, mental e moral, ao invés dos níveis tático e físico. Por tanto, o uso do instrumento militar antes, durante e depois da batalha, se mostra tão importante quanto a mera aplicação do poderio bélico convencional para destruir as forças inimigas desdobradas no terreno.” (2018)

Com a crise russo-ucraniana, ganhou evidência o termo Guerra Híbrida para descrever as operações políticas, diplomáticas, econômicas, informacionais e militares empreendidas pela Federação Russa naquele conflito.

Aranha (2019), afirma que “a Guerra Híbrida pode ser uma variação moderna do que se chamou guerra composta – começa com uma força regular e aumenta sua capacidade operacional agregando atividades irregulares ou vice-versa [...] interrompendo comunicações e linhas de abastecimento e destruindo a infraestrutura”. (2015)

Durante as crises da Geórgia e da Ucrânia, a Rússia desenvolveu uma nova abordagem para operações, que é amplamente conhecida como Guerra da Nova Geração Russa (RNGW), Guerra de 4ª Geração ou mesmo Guerra Híbrida, etc. A Rússia foi capaz de redefinir seu objetivo e aplicar eficientemente instrumentos de poder nacional para

alcançar esse objetivo, que não é a vitória em um conflito, mas a mudança de regime, ou seja, de todo um sistema de governo. Essa nova abordagem pode usar qualquer alavanca de influência a seu alcance para conseguir essa mudança. Nem todas as questões precisam ser resolvidas com uma opção militar, mas quando uma operação militar é ativada, é feito por e com segmentos da população local. O envolvimento dos moradores dá legitimidade às ações militares no cenário mundial. Isso faz com que pareça uma ação popular, e produz o conceito de Manobra Híbrida, tal como é vista sendo empregada na Ucrânia, na Síria e em outros lugares. Durante a Manobra Híbrida, o peso da luta será suportado por unidades organizadas localmente, as quais se enquadram na estrutura do governo do regime apoiado pela Rússia, e tem sua própria organização militar que espelha ou imita as forças russas, usando equipamentos básicos, fornecidos pelas equipes russas de “Aconselhamento, Assistência e Acompanhamento” (AAA). Essas equipes sincronizam as operações híbridas, incorporando oficiais russos. A Manobra Híbrida concentra-se no esforço local conduzindo a maioria dos combates com apoio das forças convencionais russas quando a missão tem importância estratégica e operacional. (UNITED STATES OF AMERICA, 2016)

O arquiteto da Guerra da Nova Geração Russa, ou a aplicação da moderna Maskirovka é o Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas Russas, General Valery Gerasimov. Como uma resposta para se contrapor às Revoluções Coloridas (descrição russa para os movimentos tipo Primavera Árabe), o militar descreveu uma nova forma de fazer a guerra, que no seu nível estratégico se concentra no uso combinado da diplomacia, economia, política, inteligência e outros métodos não-militares diretamente com a força militar. Essa combinação de métodos e meios seria escolhida ao invés do confronto militar clássico. O resultado provocaria no adversário e seus aliados uma paralisia estratégica. Devido à inteligência deficiente resultado da rapidez e dissimulação das ações, sem saber exatamente as intenções do inimigo, impossibilita-se uma reação militar por receio de iniciar um conflito armado unilateralmente. Gerasimov vislumbra a dissimulação, o uso não-aberto da força militar através da mobilização de unidades paramilitares e insurgentes civis, enfatizando na necessidade de executar ações assimétricas e métodos indiretos, incluindo a guerra psicológica, de propaganda e informacional em tempo-real.

## 6 A GUERRA NO DONBAS

Desde o início da crise ucraniana este autor esteve por diversas vezes no país, seja na sua capital Kiev, em outras regiões e até mesmo na zona de operações militares, onde teve oportunidade de coletar informações *in loco* sobre a situação no país e o andamento do conflito na região do Donbas. Nesse sentido, foram realizadas três visitas na zona da Operação Antiterrorista (ATO). Elas serão descritas abaixo, destacando-se que todas as informações contidas foram coletadas através de fontes primárias, algumas delas identificadas por pseudônimos, tendo-se o cuidado de não revelar informações militares classificadas. As percepções do autor sobre a situação e o ambiente operacional encontrado foram apresentadas a fim de contextualizar e subsidiar com informações relevantes o resultado desta pesquisa.

### 6.1 A caminho do Leste

Na fila da imigração no aeroporto internacional de Borispol, policiais da Guarda de Fronteira, usando uniformes camuflados e armados com fuzis Kalashnikov, checavam documentos e observavam atentamente quem chegava ao país. A razão para tantas precauções, foi dito que o Serviço de Segurança da Ucrânia (SBU - Sluzhba Bezpeky Ukrainy) havia alertado sobre a presença de supostos agentes estrangeiros e insurgentes com passaportes falsos, usando aquele aeroporto para chegar a Kiev, a capital ucraniana, para ações terroristas ou desestabilizadoras, por isso era necessário controlar com rigor quem passava por ali. Mas o que se via no saguão do aeroporto era aparentemente diferente. Caixas com equipamentos de vídeo, microfones e câmeras estavam por todo lugar. A imprensa mundial estava chegando à Ucrânia para cobrir um dos momentos mais intensos da guerra que assolava o país, cujo território por séculos foi o eixo entre Oriente e Ocidente, estrategicamente localizado no coração geográfico da Europa, tornando-se mais uma vez, a trincheira entre dois blocos geopolíticos antagônicos. Uma situação que havia provocado a maior crise entre a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a Rússia desde o fim da União Soviética e da Guerra Fria.

No lado de fora do aeroporto esperava Oleh, um coronel da Arma de Comunicações que fora Adido Militar na Embaixada da Ucrânia em Brasília, e que ocupava um importante cargo na diretoria do Departamento de Cooperação Internacional



do Ministério da Defesa. Ele havia se encarregado de organizar a primeira parte dessa viagem ao leste onde, em alguns locais, ainda aconteciam intensos combates entre forças governamentais e separatistas. Oleh nos levou para jantar “borsch”, uma sopa de beterraba típica que ajudou a espantar o frio que fazia, afinal, faltavam poucos dias para a chegada do inverno. Juntou-se a nós um jovem chamado Anton, que havia sido tenente do Exército Ucrâniano durante a missão de paz no Kosovo, e que seria nosso motorista, segurança e intérprete durante a viagem. Para tal, um rigoroso protocolo de segurança devia ser cumprido, além de resolver uma burocracia de autorizações especiais para que pudessemos entrar na região conflagrada.

Terreno de passagem para grandes conquistadores, como os romanos, bárbaros, mongóis, turcos otomanos a até os exércitos dos modernos Estados europeus, as estepes do largo território ucraniano definiram para sempre o fim do sonho expansionista do Império Sueco na Batalha de Poltava, em 1709, possibilitando surgir a nova potência, o Império Russo, para séculos depois serem novamente disputadas; alguns a designando de Espaço Vital ou simplesmente “Lebensraum”, como os nazistas a chamavam, enquanto outros chamariam novamente de “Novorossiia” ou Nova Rússia, alusão ao título geográfico dado ao que hoje é o sul e o leste da Ucrânia, que o Império Russo havia conquistado do Império Otomano durante o reinado de Catarina a Grande, no final do século XVIII (MARSHALL, 2018). Naqueles campos de trigo foram travadas importantes e decisivas batalhas desde épocas imemoriais.

Depois de seis horas por estradas esburacadas chegamos a Kharkiv (Carcóvia), a segunda maior e uma das mais importantes cidades da Ucrânia, situada a apenas 50 km da fronteira russa. Fundada em 1654, ela foi a primeira capital da República Socialista Soviética da Ucrânia, de dezembro de 1919 a janeiro de 1934. A beleza das catedrais ortodoxas com suas cúpulas douradas e brilhantes disputava atenção com a passagem de comboios militares vindos diretamente da Malyshev, uma das mais tradicionais fábricas de Carros de Combate do mundo, em cuja planta industrial fora desenvolvido e fabricado o lendário tanque de guerra T-34, a espinha dorsal do Exército Vermelho na Grande Guerra Patriótica (Segunda Guerra Mundial). Essa fábrica ainda hoje se ocupa da produção do BM Oplot e também do T-64 BM Bulat, os principais Carros de Combate (MBT – Main Battle Tank) das forças blindadas do Exército Ucrâniano. Devido à sua localização e poder econômico, a cidade tornou-se importante centro de apoio logístico

no contexto das operações militares no Donbas, rica região industrial e carbonífera que leva este nome por ser a bacia do Rio Donets, que é o principal afluente do Rio Don. Conhecido pelos antigos gregos como Tanais, o Don assinala do III ao VII Século A.C. a divisa setentrional da Cítia. A palavra Don vem do cita danu, que significa rio. (POLONSKY, 2018)

Depois de passar a noite em Kharkiv pegamos a estrada E40 por mais 100 km rumo ao sul. Esta era conhecida como a rodovia da morte, devido ao intenso fluxo de comboios militares, ambulâncias e caminhões frigoríficos que iam e vinham das regiões separatistas de Donetsk e Luhansk. Nas entradas de qualquer vilarejo e nas estações da polícia rodoviária haviam postos de checagem feitos de concreto e reforçados com sacos de areia. Com olhar desconfiado, soldados da Guarda Nacional e policiais armados com fuzis paravam todos os veículos pedindo as identificações e fazendo muitas perguntas. Fotos ali eram absolutamente proibidas, sinal de que estávamos próximos da área dos combates.

A primeira cidade a ser visitada foi Izyum, na região de Kharkiv (Kharkiv Oblast), onde fomos logo recebidos pelo proprietário de um dos principais jornais locais. O editor relatou que tão logo a crise estourou, homens armados e encapuzados invadiram a sede do jornal, ameaçaram jornalistas e os obrigaram a publicar artigos contra o governo de Kiev e em favor da separação da Ucrânia. Segundo ele, essas pessoas falavam russo com sotaque da Rússia e seguiam procedimentos muito bem ordenados, estavam equipados com modernos sistemas de comunicação e não pareciam em nada com os separatistas “velhos, bêbados e desocupados” que apareciam na televisão. Eles usavam uniformes militares verdes, sem qualquer identificação ou insígnia e mantinham o rosto sempre coberto com balaclavas. Quando eles se recusaram a colaborar com os invasores, o jornal foi fechado, mas o mesmo não aconteceu com outros veículos de comunicação da cidade que, da noite para o dia, viraram colaboracionistas, publicando e colocando no ar propaganda separatista, replicando somente informações transmitidas pela imprensa russa. Izyum está muito ligada a Kharkiv e no decorrer da guerra viria a receber as tropas governamentais como libertadoras.

Anton recebeu um telefonema informando que nossa escolta já estava no local combinado e que devíamos seguir para lá. Na saída de Izyum estavam nos esperando duas viaturas camufladas utilitárias tipo HUMVEE (High Mobility Multipurpose Wheeled

Vehicle), com quatro soldados cada uma. Estavam armadas com uma metralhadora pesada KT-12,7 (NSV), de 12,7mm, carregavam a bandeira da Ucrânia e tinham listras brancas pintadas sobre o capô, que as identificavam como pertencentes ao Exército regular, o jeito encontrado para diferenciá-las daquelas capturadas e utilizadas pelas forças separatistas. Aqueles soldados não eram comuns, vestiam fardamento com camuflagem tipo MultiCam, usavam balaclava com rádio intercomunicador, carregavam fuzil de assalto tipo AKS-74 (desenvolvido na década de 1970 por Mikhail Kalashnikov), com lançador de granadas de 30mm GP-34. No corpo do fuzil, uma camuflagem branca para neve foi improvisada com tiras de esparadrapo. Nos bolsos do colete carregavam vários pentes de munição, sinalizadores, baioneta, duas pistolas e muitas granadas de mão tipo F1.

Embarcamos em uma das viaturas onde, sob os pés, estava uma caixa de granadas e, ao lado, muitos pentes de munição. O motorista não falava, dirigia com muita atenção e sempre que parava, olhava para fora com uma das mãos segurando seu fuzil Kalashnikov.

Já estávamos dentro da zona de operações daquela que havia sido batizada de Operação Antiterrorista, ou simplesmente ATO, acrônimo na língua inglesa. Ao passar por um posto de checagem da Guarda Nacional, guarnecido por viaturas blindadas de combate de infantaria e de transporte de pessoal tipo BMP-3, BTR-4 e BTR-70 entramos em Sloviansk, a cidade que foi o epicentro do conflito e principal reduto dos separatistas pró-russos. O que mais se via pelas ruas eram militares armados em patrulha ou voluntários e membros da Guarda Nacional, entidade que havia sido criada há pouco tempo e que estava subordinada ao Ministério do Interior. Veículos blindados de transporte BTR-70 e 80, o moderno BTR-3 e as viaturas blindadas leves Dozor e Cougar estavam estacionados nos principais cruzamentos, com suas metralhadoras posicionadas prontas para atirar em qualquer veículo hostil. O clima parecia de normalidade, mas era apenas aparente. Estava em andamento uma cooperação cívico militar (CIMIC), com o objetivo de restabelecer a segurança e reconstruir a cidade, cujas marcas do conflito podiam ser vistas na maioria dos prédios, e reconquistar a população, quem mais sofreu e ficou entrincheirada entre os separatistas e as unidades militares. McNab e Fowler (2002) ressaltam que a lição-chave que emergiu do século XX acerca das operações de contra-sublevação foi que a opção militar é apenas uma parte da solução. Os meios militares devem ser apoiados por medidas sociais e políticas se se pretender que a operação de

contra-sublevação tenha êxito. Conquistar o coração e as mentes da população é o principal desafio, pois quem teve sua casa destruída ou perdeu um ente familiar carrega consigo uma cicatriz difícil de fechar e sempre terá suas razões para protestar ou se indignar. Elas também ficaram muito tempo sendo bombardeadas por propaganda (info war) e reféns de uma imprensa que distorcia os fatos, e chegavam até a acreditar que aqueles separatistas, parte deles soldados profissionais realizando uma missão especial, estavam lá para protegê-los. Reconstruir uma cidade bombardeada, retomar o funcionamento dos serviços públicos, das redes de água e esgotos destruídas, dos hospitais e escolas, normalizar o abastecimento, consequentemente, restabelecer a ordem são essenciais para ganhar o apoio popular que, por mais que as tropas tenham sido bem recebidas, o descontentamento cresce na medida em que as autoridades não conseguem trazer de volta a normalidade e melhorar a qualidade de vida dos cidadãos. O clima de tensão era muito forte e podia ser percebido pelo observador atento aos olhares desconfiados daqueles soldados.

Atentados contra os militares, bombas improvisadas colocadas nos acostamentos de estradas ou em lugares públicos e sequestros de ativistas pró-Kiev aconteciam frequentemente, fazendo muitas vítimas entre civis e militares, com muitos colaboracionistas pró-russos trabalhando ativamente de forma encoberta, como quinta-colunas. Conforme Korybko (2018) são protagonistas desvinculados do Estado que se comportam publicamente como civis. Assim, continuava o trabalho diuturno das tropas tentando identificar e dismantelar as células “terroristas” que ainda operavam. É uma tarefa difícil identificar um inimigo que fala o mesmo idioma, tem os mesmos hábitos e comportamento e se mantém oculto em meio aos civis, como se fosse um deles. Essas ações eram principalmente conduzidas por unidades especiais, treinadas para operações descaracterizadas e de alta complexidade.

As Forças Especiais do Exército Ucrâniano são formadas por dois regimentos, o “3º Separate Spetsnaz Regiment”, de Kirovograd, e “8º Separate Spetsnaz Regiment”, de Khmelnytskyi, além de mais dois outros destacamentos operativos especializados, o “10º Separate Spetsnaz Detachment”, em Kiev, e o “801º Anti-diversionary Detachment”, de Mykolaiv, que como sua denominação diz, é especializado em operações antidiversão e psicológicas. Deste último eram parte aqueles operadores que nos escoltavam. Eles estavam muito focados na missão, que era nos acompanhar onde quer que eu decidisse ir. Nunca descobriam seus rostos, chamavam-se

apenas por números de identificação e tinham recebido treinamento no exterior. Alguns deles eram oriundos e tinham família vivendo nas regiões sob controle dos separatistas. Diziam que não falavam inglês, mas pareciam escutar atentamente e entender nossas conversas. Com certeza tinham conhecimento de outras línguas, e contaram para Anton, com orgulho, que somente um dos seus membros havia sido morto em combate durante todo conflito. Conforme relatado, esses militares estiveram presentes nas principais batalhas, trabalhando de forma independente das demais Unidades, muitas vezes sem o conhecimento delas, sendo a única tropa do Exército que estava preparada para o combate antes mesmo de o conflito começar. A maior parte das suas operações fora realizada além das linhas separatistas e também na fronteira com a Rússia. Buscavam localizar, identificar, capturar ou eliminar lideranças dos rebeldes, sabotar instalações inimigas, assim como operações especiais de reconhecimento e de destruição com explosivos, ação típica de Comandos. Um dos principais objetivos era identificar e, se possível, neutralizar e capturar Spetsnaz adversários que estivessem em missão no território ucraniano, e esta guerra era, na sua fase inicial, lutada em segredo pelas unidades de inteligência militar e de Forças Especiais dos dois lados, que usavam técnicas e táticas similares, sendo que muitos deles podem ter sido treinados conjuntamente num passado não muito distante. Dois grupos operativos das Spetsnaz ucranianas compostas por doze homens cada um eram responsáveis por uma faixa de mais de 450 km de extensão. As Forças Especiais do 3º Regimento ficaram mundialmente conhecidas pela feroz resistência às forças separatistas na defesa de uma área do aeroporto internacional de Donetsk. Aqueles poucos elementos foram apelidados pelos próprios inimigos de “ciborgues”, porque pareciam “invencíveis e imortais”.

Seguimos então para o vilarejo de Seleznivka, a poucos quilômetros de Sloviansk, onde fomos ver o que restou da cidade que esteve na linha de frente. A escolta seguia com fuzil em punho, passo firme e olhar atento, entrando primeiro em cada casa e vasculhando o pátio antes que pudéssemos se aproximar. A maioria dos imóveis estava abandonada e seus moradores fugiram para outras regiões, sobretudo no oeste do país. À frente e atrás de sempre havia alguém fazendo a segurança. Ninguém podia se aproximar sem que eles deixassem. Fomos recebidos pelo prefeito no que restou do prédio da administração municipal. Ele disse que quando as forças separatistas começaram a perder terreno, decidiram entrar na cidade com peças de Artilharia de onde bombardeavam as tropas do Exército, que respondeu com fogo de contrabateria, danificando as estruturas de

casas adjacentes, mas sem fazer vítimas, pois a cidade havia sido evacuada. A intenção dos separatistas era imputar ao Exército a culpa por supostamente atacar indiscriminadamente alvos civis e ganhar apoio da opinião pública, uma tática covarde já consagrada por forças irregulares e terroristas em outros conflitos pelo mundo.

Na noite de 12 de abril de 2014, cerca de 50 homens mascarados e fortemente armados chegaram à cidade. Usavam uniformes militares verdes e coletes balísticos. Tomaram a prefeitura e o posto de polícia, onde capturaram todas as armas, e também ocuparam a sede do Serviço de Segurança da Ucrânia (SBU). Logo foi iniciada uma operação de sabotagem ao capturarem os transmissores de TV e rádio e na interrupção das comunicações telefônicas e de internet de toda região. A partir daquele momento, a população ficou isolada, não teve mais acesso às informações vindas do resto do país, e nem sequer canais de TV locais podiam ser vistos. Só estavam disponíveis programas de rádios e televisão repetidos da Rússia, cujas reportagens eram carregadas com forte apelo patriótico e de propaganda, retratando os fatos ocorridos na capital ucraniana de uma maneira distorcida e até mentirosa, instigando a população a se rebelar, afirmando que o “governo nazista da Junta Militar que havia tomado o poder em Kiev” planejava perseguir os russos e os ucranianos russófonos para colocá-los em campos de concentração, da mesma forma como fizera Hitler com os judeus. A propaganda condenava a nova expressão do nacionalismo ucraniano e a comparava com os grupos antissoviéticos que lutaram pela independência da Ucrânia, na fronteira oeste, durante as décadas de 1930/40. Conclamava os cidadãos “a se unirem e resistirem tal qual seus pais e avós” durante a ocupação nazista na Segunda Guerra Mundial. Este apelo aos tempos da “Grande Guerra Patriótica” mexeu com a sensibilidade de parte significativa das pessoas e ganhou forte apoio popular.

Corroborando esta percepção, Mahda (2018) afirma que é possível definir os métodos básicos da agressão informacional contra a Ucrânia, incluindo desinformação e manipulação; propaganda, diversificação e distorção da opinião pública, pressão psicológica e psicotrópica, espalhar rumores. Dessa forma, desempregados, desocupados, criminosos, ex-militares soviéticos aposentados e pessoas insatisfeitas com o novo governo se voluntariaram e se uniram àqueles mascarados “Homens de Verde”, que se intitulavam combatentes pró-russos, sob a bandeira da recentemente autoproclamada República Popular de Donetsk, na região que acreditam ser a Novorossiia, nome dado às terras mais

ao sudeste durante os tempos imperiais. Os Homens de Verde, que se diziam vir de várias partes, majoritariamente da Crimeia, mas falavam russo com sotaque diferente dos ucranianos, eram liderados por um homem que ficaria muito conhecido durante todo conflito. Seu nome, Igor Ivanovich Strelkov, que a inteligência ucraniana afirmou ser o pseudônimo de Igor Vsevolodovich Girkin, um coronel russo nascido em Moscou, que teria participado dos conflitos na Transnístria, Bósnia e Chechênia, tendo se envolvido em massacres e crimes de guerra por onde passou. Fontes internacionais alegam que ele era um membro da Diretoria de Inteligência Militar da Rússia, a “Glavnoye Razvedyvatelnoye Upravlenie” (GRU). Strelkov era especializado em operações encobertas no exterior e, em Sloviansk, comandava um destacamento que, segundo foi revelado pela SBU, seria pertencente ao “45º Separate Guards Spetsnaz Regiment” das forças aerotransportadas russas, uma unidade de elite das Forças Especiais (Spetsnaz), especializada em conduzir operações psicológicas, de reconhecimento e sabotagem em território inimigo. Utilizando técnicas e táticas especiais, este efetivo de cerca de 50 operadores, muito bem equipado e treinado, dava prosseguimento à segunda fase de uma operação que havia sido muito bem sucedida na Crimeia meses antes, resultado de uma nova e hábil doutrina que se revelou uma inédita forma de se fazer a guerra.

Barricadas foram colocadas nas principais vias de acesso ao centro da cidade, enquanto todos os prédios públicos foram ocupados e suas entradas guarnecidas pelos “misteriosos” e bem armados “insurgentes”. A presença estatal já não existia mais. Na sequência irromperam os primeiros embates que envolveram elementos das Forças Especiais ucranianas apoiadas pelas unidades da Guarda Nacional. A violência escalou e se espalhou para cidades próximas, entre elas Kramatorsk, que se tornou um dos principais bastiões rebeldes, onde dez dias depois um helicóptero de transporte Mi-8 do exército foi destruído por um disparo de RPG (foguetes lançador de granada). Durante três meses essas cidades seriam o ponto mais quente do conflito e o principal objetivo a ser alcançado. O recém eleito presidente Petro Poroshenko ordenou às Forças Armadas neutralizar os grupos armados e retomar o controle da região, uma situação que desde o início era vista por Kiev e seus aliados como uma agressão encoberta russa.

A criação da Operação Antiterrorista deu amparo legal para que os militares pudessem ser largamente empregados em combate dentro das fronteiras do país e contra seus próprios cidadãos. A secessão, como é comum no mundo todo, era proibida pela

Constituição e precisava ser combatida, e manter a integridade territorial era o principal objetivo, pois a Crimeia já havia sido perdida. Mais de 15 mil soldados foram mobilizados, junto com 160 carros de combate, 230 veículos blindados e mais de 150 peças de Artilharia. Aproveitando a chegada da primavera, as principais unidades de combate - que já estavam todas mobilizadas foram enviadas para a zona de operações, incluindo as forças aerotransportadas (paraquedistas) e unidades blindadas subordinadas ao 6º Exército, com sede em Dniepropetrovsk (atual Dnipro). A 25ª Brigada Aerotransportada realizou o bloqueio da cidade, mas sua reputação foi manchada quando militares de seis das suas viaturas blindadas tipos BMD-1 e BMD-2 recusaram-se a lutar e se renderam aos separatistas. Dois desses veículos foram, dias depois, recuperados pelas tropas paraquedistas da 95ª Brigada Aeromóvel de Zhytomyr, a principal força de reação rápida do Exército Ucrâniano.

As intervenções da Aviação do Exército, principalmente as missões de assalto aéreo, evacuação aeromédica, observação, reconhecimento armado e de apoio aéreo aproximado se intensificaram, mostrando-se fundamentais para o avanço das tropas. Em 25 de maio, com a cidade já cercada, dois helicópteros de ataque Mi-24 Hind foram derrubados por mísseis lançados de ombro (MANPADS). Foi um choque com o qual não contavam os comandantes ucranianos, pois seus pilotos eram muito bem treinados, com experiência em missões similares na Libéria e República Democrática do Congo, além de as aeronaves estarem equipadas com modernas suítes de autoproteção e de contramedidas eletrônicas. MANPADS (Man-portable air-defense systems) são itens altamente controlados justamente para se evitar que caiam nas mãos de organizações terroristas ou de forças irregulares, e sua presença no campo de batalha representa a principal ameaça à liberdade das operações de helicópteros ou de aviões voando à baixa altura. O pesadelo, neste aspecto, estava apenas começando. Logo depois um outro helicóptero Mi-8 foi derrubado por mísseis antiaéreos lançados de ombro, desta vez causando a morte de 12 militares, entre eles o general de brigada Serhiy Kulchytsky, que comandava o departamento de treinamento e combate da Guarda Nacional. Snyder (2019) afirma que o sistema de armas crucial trazido da Rússia e operado por soldados russos era a bateria antiaérea, e isso mudou o rumo da guerra em maio e junho de 2014. O Comando ucraniano teve que parar de voar sobre o Donbas, o que deu aos russos a oportunidade que buscavam, pois sem a superioridade aérea, seria impossível acabar com o conflito.



A prefeita colaboracionista da cidade, subordinada à autodenominada República Popular de Donetsk, decretou uma caçada àqueles que falassem ucraniano. Várias covas coletivas viriam a ser encontradas nos arredores. A imprensa internacional chegou para cobrir o conflito, entretanto, 11 jornalistas estrangeiros foram capturados pelos insurgentes acusados de espionagem, numa violação à liberdade e neutralidade do trabalho dos correspondentes de guerra. Outros 13 observadores militares da Organização para Segurança e Cooperação da Europa (OSCE) foram detidos por supostamente serem espões e foram declarados “prisioneiros de guerra”. A Força Aérea Ucraniana começou a ser largamente empregada no conflito. Aeronaves de ataque Sukhoi Su-25, da 299ª Brigada de Aviação Tática, operavam a partir da Base Aérea de Kulbakino, no sul, para missões de apoio aéreo aproximado, utilizando o canhão de 30 mm, foguetes e bombas contra alvos em solo. Quando a ameaça antiaérea se tornou evidente, e à medida que os combates se acercavam das áreas urbanas de Sloviansk, as aeronaves começaram a empregar munições guiadas a laser, para maior precisão, diminuindo os danos colaterais e evitando a exposição aos mísseis antiaéreos. Durante o cerco, as tropas do Exército e da Guarda Nacional fizeram o “debut” do novo veículo blindado de combate de infantaria de fabricação ucraniana BTR-4. Grades protetoras tiveram que ser instaladas nas laterais contra os ataques de RPG, sendo a forma mais eficaz de assegurar sua sobrevivência em combate. Segundo dito, uma única viatura aguentou oito disparos de RPG sem que nenhum tripulante tenha sido ferido. Com design moderno, o veículo, que é anfíbio, pode levar até oito soldados equipados e atingir uma velocidade de 110 km, e está dotado de uma estação de armas controladas remotamente nas versões com metralhadora 7,62 mm, e com canhão ZTM-2, de 30 mm, possuindo também outra versão com uma torreta SHKVAL equipada com o míssil antitanque guiado por laser semiativo BAR’ER. A utilização de mísseis antitanque ATGMs (anti-tank guided missile) era fundamental já que possibilitou combater outros veículos e fortificações mantendo-se a uma distância segura, permanecendo muitas vezes indetectável, saindo da posição apenas para desferir o ataque, já que o míssil tem um alcance efetivo de 5 km e pode destruir alvos em movimento (corrige automaticamente a trajetória após o lançamento). Os comandantes ucranianos entenderam que seus veículos blindados de transporte de pessoal deveriam se tornar veículos de combate de infantaria, capazes de se proteger e engajar alvos estáticos e móveis, e conduzir missões noturnas fazendo uso de modernos sensores e de câmeras infravermelho, já que muitos

deslocamentos eram feitos à noite justamente pela segurança e o efeito surpresa proporcionado pela escuridão.

A batalha por Sloviansk continuaria até a primeira metade de julho, quando tropas do Exército finalmente entraram na cidade enfrentando forte resistência dos insurgentes, que perderam cerca de 10% dos seus efetivos. Os combates aconteciam nas ruas e em cada esquina, com extensa utilização de helicópteros de ataque e infantes munidos de lançadores de RPG 7 e RPG 22, além de “snipers”. Motivados pela propaganda e encorajados por muita vodka, os populares que se uniram aos Homens de Verde (principalmente os locais) estavam imbuídos do que acreditavam ser um forte sentimento patriótico, de que deveriam resistir heroicamente às “tropas invasoras de Kiev”.

Esta percepção histórica equivocada, fruto da guerra de informação e propaganda norteou a maioria daqueles pobres homens e mulheres durante as batalhas urbanas que se seguiram. Em fuga para Donetsk, a capital da região (Oblast) que leva o mesmo nome, eles colocaram escudos humanos sobre seus veículos para evitar serem alvos da aviação ucraniana e dos veículos que os perseguiram. A bandeira da Ucrânia foi novamente hasteada na prefeitura e a cidade foi liberada para alívio da metade da população que se sentia refém de criminosos e terroristas. Alguns colaboracionistas se esconderam e a grande maioria teve que fugir junto com os rebeldes. Sloviansk voltava a ser parte da Ucrânia, após uma batalha que levou a vida de pelo menos 20 civis e 51 soldados. Esses números seriam apenas uma amostra do que estava por vir, pois os combates se acirrariam e continuariam por muito mais tempo, bem perto de lá. Sloviansk serviu para ensinar que as Forças Armadas da Ucrânia precisavam se reformular e adaptar as velhas doutrinas soviéticas de combate convencional, que apregoava o emprego massivo de veículos blindados e de fogos de artilharia. Eles enfrentavam uma nova realidade, e precisavam se transformar para lutar um tipo novo de conflito, uma Guerra Híbrida, com características de combate convencional e irregular num mesmo teatro de operações, contra um inimigo bem armado e treinado, cujas fileiras eram compostas por combatentes voluntários e tropas regulares estrangeiras descaracterizadas, com aptidões especializadas e que tinham o apoio diplomático, financeiro, midiático, de propaganda e de inteligência dos seus respectivos governos. Elas aprenderam que o moderno combate urbano é difícil, complexo e impõe aos comandantes a responsabilidade da tomada de decisões rápidas e seguras, que se não forem bem avaliadas podem custar tanto a vida dos seus comandados

quanto de civis que vivem na área que eles deveriam proteger e libertar. Os comandantes perceberam que ter informações de inteligência confiáveis e em tempo real, fornecidas por diversas fontes, plataformas e múltiplos sensores, era fundamental para uma plena consciência situacional, mas poucas vezes tiveram acesso a isso, pois o Exército Ucrâniano não estava preparado para lutar este tipo de conflito, muito menos dentro das suas próprias fronteiras.

Nessas operações, principalmente dentro das cidades, o emprego das forças terrestres teve que ser limitado e a utilização dos helicópteros de ataque com modernos sensores eletro-ópticos, capazes de reconhecer à distância e de lançar armamento de precisão se mostrou tão importante quanto os grandes e pesados veículos blindados, que tinham pouca liberdade de movimento e ação, sendo facilmente emboscados, ficando frequentemente expostos a armamento lançado de prédios ou de janelas. Mesmo assim não perderiam sua importância, pois o poder de choque da tropa blindada foi essencial para bloquear as unidades separatistas, e as viaturas sobre lagartas foram as únicas capazes de ultrapassar as barreiras feitas de entulhos colocadas nas principais vias. Uma importante lição apreendida foi a necessidade de ações rápidas, precisas e com poder de destruição limitado ao alvo, evitando o uso de armamento de alta carga explosiva ou de saturação, que aumentam consideravelmente a possibilidade de danos colaterais. Tais ações devem ser executadas por pequenas frações e sempre acompanhadas por atiradores de precisão. Aliás, os “snipers” mostraram-se uma solução de baixo custo altamente eficaz em áreas urbanas. Outro fator é a utilização de tropas especializadas, de Infantaria Leve ou de Forças Especiais, por tradição preparadas para operar naquele ambiente e que deviam estar aptas e equipadas para fazer da escuridão da noite sua maior aliada. Dentro da cidade, a vantagem tática está ao lado do defensor, mas se o atacante estiver usando equipamentos especiais para transformar a noite em dia, poderá mudar as regras do jogo, tendo a oportunidade de desferir o ataque final e decidir o combate antes mesmo do sol nascer.

## **6.2 Luhansk: a guerra no inverno**

Na Sofyivska Ploshcha, a bela e famosa praça situada numa colina entre a Catedral de Santa Sofia e o Mosteiro de São Miguel, na região central de Kiev, milhares de pessoas se reuniam para celebrar a passagem do ano, aquecendo-se ao redor da tradicional “Árvore do Ano Novo”, que enfeitada de pombas brancas simbolizava o maior desejo da população do país naquele momento: alcançar a paz. À meia-noite, um ano novo de

esperança era anunciado pelas badaladas dos sinos das torres das igrejas que, ao silenciarem, foram seguidos pelas vozes dos presentes que de forma uníssona e emocionada cantaram o Hino da Ucrânia numa clara demonstração de patriotismo e, acima de tudo, uma manifestação de apoio aos vários outros milhares de homens e mulheres das Forças Armadas e dos batalhões voluntários que, desdobrados na linha de frente, encontravam-se entocados, protegendo-se do frio do rigoroso inverno e do calor do fogo inimigo, onde continuavam lutando para defender suas posições que nada mais eram que as novas demarcações do território controlado pelo governo, uma fronteira fictícia que mudava ao fim de cada nova batalha. Nas ruas de Kiev, o conflito não era visto como uma insurreição popular dos habitantes daquelas regiões, mas como uma guerra por procuração empreendida e sustentada pela gigante vizinha do leste, a poderosa Rússia. Este doloroso e caro conflito acabou por unir o país, histórica e geograficamente dividido pelas influências do Ocidente europeu, e da Rússia, fazendo ressurgir o nacionalismo e a verdadeira identidade do povo ucraniano. Snyder afirma que a sociedade ucraniana foi consolidada pela invasão russa, e cita o rabino-chefe da Ucrânia, que disse que “estamos diante de uma ameaça externa chamada Rússia. Ela fez todos se unirem”. (2019, p. 239)

Naquela primeira semana do ano, o segundo da guerra, a população lotava as lojas e hipermercados para comprar presentes para a celebração do Natal, comemorado pelos cristãos ortodoxos no dia 7 de janeiro. Na saída dos caixas sempre havia um senhor aposentado ou uma babusia (avó) com um carrinho de compras pedindo doações para as unidades militares da sua região. Queriam apoiar e levar alguma forma de conforto aos seus amigos, pais, filhos e netos que estavam desdobrados na frente de combate, e isso acontecia em todos os lugares, por todo país. Cada pessoa deixava alguma coisa. Eram pacotes de café, chá, chocolates, pão preto e alimentos que tivessem bastante gordura, como o salo, feito com carne de porco, muito apreciado na culinária local, ou que dessem para fazer uma boa sopa. Além de cobertores, jaquetas, botas e meias, muitas delas, por sinal. Qualquer doação que ajudasse a aliviar o frio e dar mais conforto aos soldados era bem-vinda. Em cada cidade, geralmente organizadas pelas próprias prefeituras, havia centrais de recolhimento de doativos que viviam lotadas recebendo material de todo tipo. Caixas de cartas escritas e desenhadas por crianças da comunidade eram enviadas pelas escolas. A mensagem era clara: se o sistema logístico das Forças Armadas não conseguia suprir satisfatoriamente as tropas, a população se engajaria no esforço de guerra mesmo

que de forma simbólica, e não deixaria seus familiares, agora soldados, esquecidos ou desmotivados.

Os combates haviam se intensificado provocando um grande número de vítimas civis e militares. As emboscadas dos separatistas pró-russos contra os comboios do Exército e da Guarda Nacional, principalmente dos batalhões logísticos, aconteciam constantemente e era muito difícil sair vivo delas. Os sobreviventes capturados não recebiam socorro dos rebeldes e, ao invés de serem tratados como prisioneiros de guerra, sofriam o terror de brutais formas de tortura, sendo obrigados a comer suas insígnias, como visto em vídeos ultrajantes, ou sofriam a humilhação de julgamentos públicos e vários deles acabavam sendo executados e seus corpos sem identificação eram despejados em covas coletivas, numa clara violação às leis internacionais e dos conflitos armados. Isso, inclusive, dificultou as tentativas de se retornar ao Donbas para acompanhar as tropas na linha de frente, junto às unidades do Exército Ucraniano, pois o risco de morte ou captura crescia à medida em que a luta ficava mais acirrada e as Forças Armadas não queriam se responsabilizar pela vida de um cidadão estrangeiro, pois já lidavam com problemas mais que suficientes. A única forma de entrar na área da ATO, a Operação Antiterrorista, e chegar a Luhansk, o novo epicentro da guerra, foi por conta e risco, e com a ajuda dos cidadãos-voluntários da cidade de Kremenchuk, no estado de Poltava. Os estados separatistas de Luhansk e Donetsk fazem parte de uma rica e desenvolvida região industrial e mineira, agora chamada pelos insurgentes de Novorossiia, e está situada na bacia do rio Don e faz fronteira seca com o território russo, de onde alegadamente chegam as armas e os modernos equipamentos militares utilizados pelos separatistas, sendo também a principal porta de passagem para as diversas unidades de combate das forças regulares russas que estão engajadas de forma encoberta, ou como justifica Moscou, de “férias no território vizinho”. O conflito nasceu ali de forma concomitante à Donetsk e na sequência dos acontecimentos da Crimeia. Uma insurreição liderada por desconhecidos homens de verde, que nada mais eram do que membros da inteligência militar russa, que ocuparam as estações de polícia, rádio e TV, tomando controle do sistema de comunicação e de administração das principais cidades, onde quinta-colunas organizaram protestos públicos que ficaram conhecidos como Anti-Maidan, em referência e oposição àqueles realizados em Kiev. Logo depois, de forma coordenada, foi declarada a criação da República Popular de Luhansk, e um referendo ilegal foi organizado às pressas resultando na independência e a autoproclamação da “república popular”. Tudo isso foi resultado de

uma grande operação da inteligência, com apoio interno, reforçada pela guerra da informação e a propaganda. A maior parte dos habitantes do leste nunca sequer saiu dos seus respectivos vilarejos em toda a vida e, para eles, Kiev e o resto do país eram absolutamente distantes e até desconhecidos, o que facilitou a conquista dos seus corações e mentes. Um cenário que poderia ser facilmente replicado em outros lugares do mundo, conduzido por políticos com interesses escusos ou forças subversivas, organizadas e apoiadas interna ou externamente.

Na gelada noite de inverno os quatro voluntários terminavam de carregar as caixas em um furgão civil de cor branca estacionado em frente da central de donativos no centro de Kremenchuk, para logo depois realizar um “briefing” de segurança para mais aquela viagem, que demoraria uma noite inteira até o destino final, a cidade de Shchastya. Durante o caminho passaríamos por mais de uma dezena de check-points da polícia e dos militares. Somente o motorista, um tenente da reserva chamado Aleksey (nome fictício) iria falar; os demais deveriam permanecer quietos e não fazer movimentos bruscos, apenas dizer e mostrar algo quando solicitado. Iríamos pegar atalhos dentro do território controlado pelos separatistas para fugir dos bloqueios nas principais estradas. No caso de sermos parados, deveríamos manter a calma e fazer o que fosse solicitado. Eu, em hipótese alguma deveria falar. Meus documentos deveriam ficar escondidos dentro do carro, pois se soubessem que era um estrangeiro poderia ficar retido para interrogatório ou preso por espionagem, como acontecia frequentemente. Também não deveria aceitar nenhum tipo de bebida alcoólica já que provavelmente, seria “batizada”, feita no próprio local, que me faria mal, e consequentemente, colocaria a todos em risco. Tinha, ainda, que ter muita atenção por onde andar devido às armadilhas explosivas instaladas ao redor dos acantonamentos das tropas. Um detalhe importante, no caso de estarmos em meio a barragens de Artilharia ou de lançadores múltiplos de foguetes de 122 mm “GRAD”, que acontecem diariamente, deveríamos sair do carro e correr para o acostamento o mais rápido possível, se jogar no chão, tentar proteger a cabeça e, se desse tempo, rezar.

Durante quatro horas seguimos rodando até Kharkiv, cidade situada à apenas 50 km da fronteira russa. Nas paradas para descanso encontramos diversos ônibus e caminhões militares que iam para o leste. A maior parte do transporte logístico e de tropas era feito à noite por uma questão de segurança e sigilo, diminuindo os riscos de exposição à emboscadas, confrontos diretos, ou que revelasse aos informantes do inimigo dados sobre

a rotação das unidades militares. Isso encorajaria ataques rebeldes para testar as novas tropas e suas defesas, e também “dar as boas-vindas” aos recém chegados ao fronte. Seguimos então pela E40, a estrada da morte, onde começamos a encontrar as barreiras militares, ou “check-points”, que verificavam qualquer veículo. Como nosso carro era civil e somente os militares transitavam por ali à noite, tínhamos que ter cautela redobrada, pois o soldado que estava ali, atrás de sacos de areia e barreiras de concreto, também tinha medo e queria se proteger. Assim, quando um desses “check-points” era avistado, a velocidade era reduzida e o veículo parava a uma distância de cerca de 100 metros. O motorista dava três sinais de luz e apagava os faróis à espera da resposta, que eram duas piscadas de lanterna. Acendia-se a luz interna e se aproximava vagarosamente. Os militares do posto se aproximavam atentamente, um apontava a lanterna e outro o fuzil. O motorista dizia Slava Ukraini (Glória à Ucrânia), o que era respondido com Heroyam Slava (Glória aos Heróis). Trocadas a senhas, era perguntado quem nós éramos, de onde vínhamos, o quê era transportado e para onde estávamos indo, fazendo uma rápida verificação nos documentos. A cada 15 km passávamos por um diferente. Às vezes pediam para abrir o baú e quando viam comida pediam alguma coisa, geralmente um pão ou um pouco de café, despedindo-se felizes pois haviam ganho a noite. Além de ter de enfrentar o frio, a vida nessas barreiras era muito solitária e repleta de perigos. A madrugada avançava quando saímos da rodovia principal para cortar caminho pelos vilarejos. Não havia iluminação pública e o carro andava com farol baixo, somente se enxergava os flocos de neve caindo no para-brisa e uma curta estrada nevada à frente. Já ultrapassávamos as linhas separatistas e todo cuidado era pouco. Dirigimos por ali cerca de 30 minutos, por sorte sem sermos incomodados. Logo depois pegamos de volta uma rodovia principal já perto do nosso destino. Havíamos entrado em Luhansk.

Na zona de operações Aleksey telefonou para avisar que estávamos chegando. A luz do sol nem tinha dado as caras quando saímos mais uma vez da estrada e entramos na floresta. Ainda dentro do carro coloquei meu colete à prova de balas e o capacete. No caminho coberto de neve andamos vagarosamente até encontrar uma granada de obuseiro propositalmente colocada no meio do caminho, interrompendo a passagem. Reunidos em batalhões, voluntários e militares da reserva foram as primeiras forças a entrar em combate, e foram os responsáveis por frear o avanço dos rebeldes separatistas. A luz interna do carro foi acesa e a janela aberta, uma palavra foi lançada na escuridão e das árvores saíram soldados armados. Se Aleksey não tivesse avisado momentos antes e

gritado uma senha diferente, com certeza aquela guarda teria aberto fogo contra nós. Fomos cordialmente recebidos pelos militares escondidos na mata, de onde saem para suas patrulhas nas localidades próximas. Todos os blindados ficam escondidos sob a proteção da copa das árvores. O sobrevoo de veículos aéreos não tripulados em missões de reconhecimento é bastante comum, e quando detectam uma aglomeração de tropas, passam as coordenadas para a Artilharia. Ali ficam várias unidades com seus blindados de transporte BTR-70 e 80, com listras brancas pintadas e bandeiras da Ucrânia improvisadas em mastros. Exceto por essas duas características, os veículos quase não podiam ser vistos, pois estavam camuflados em meio às árvores. Aquela tropa pertencia à 92ª Brigada Mecanizada Especial, uma unidade independente, de choque e pronto emprego do Exército. Perto dali estava uma série de caminhões equipados com lançadores múltiplos de foguetes BM-21U GRAD pertencentes à 1ª Bateria de Artilharia de Foguetes. Ao lado deles estavam escondidos sob as folhagens diversos foguetes de 122 mm. O GRAD tem sido empregado pelos dois lados como principal meio de saturação. Montado sobre um chassi de caminhão KrAZ-6322, tem a capacidade de lançar salvas de até 40 foguetes (dois por segundo) a distâncias superiores a 40 km com relativa precisão. Com a cabeça de guerra de fragmentação pode cobrir uma extensa área destruindo o que está no seu caminho. O municiamento demora apenas sete minutos e o lançamento de toda carga dura 20 segundos. Estima-se que a Ucrânia tenha mais de 600 lançadores GRAD. Sua grande mobilidade e simplicidade de operação, juntamente com o baixo custo, tem provocado um uso indiscriminado, com riscos para ambos os lados, principalmente por ser muitas vezes operado de posições próximas aos vilarejos, aliás, isto é uma marca do cenário operacional. Em 13 de janeiro do ano passado, um ataque separatista contra um “check-point” do Exército na cidade de Volnovakha, no Estado de Donetsk, causou a morte de 12 civis, deixando outros 18 feridos. Um ônibus que aguardava passagem foi atingido por uma salva de foguetes GRAD.

Depois de entregar caixas com frutas frescas e pães nós fomos convidados ao prédio semidestruído que havia virado dormitório dos sargentos. Ali cozinhavam sua sopa e faziam chá e café, única forma de suportar o frio. Nas paredes dos aposentos estavam estampados desenhos enviados por crianças. Cartas contendo poemas e mensagens serviam de fonte de motivação e ajudavam a suportar o medo e as dificuldades daquela situação. Junto aos beliches estavam lançadores de RPG-7 e farta munição, incluindo granadas. O armamento individual era composto por um fuzil AK-47, ou alguma



de suas versões mais modernas, como o AKS-74, e um colete tático que levava de 4 a 6 carregadores de munição, cerca de seis granadas de mão tipo F1 ou quatro granadas de RPG-7. Era necessário mobilidade e poder de fogo e eles apreciavam o uso de artefatos explosivos, como os RPGs e as granadas de mão. Quando precisavam fazer suas necessidades fisiológicas no mato ou fora da base militar, carregavam consigo sempre duas granadas, no caso de encontrarem o inimigo não se entregariam facilmente e a regra era não se deixar capturar.

A cidade Shchastya era naquele momento um dos locais mais perigosos da linha de frente. Por uma ironia do destino, o significado do seu nome em idioma russo era “felicidade”. Parte dela havia sido retomada dos separatistas. Seu controle era estratégico para os dois lados da contenda, pois ali estava instalada uma importante central termoeleétrica que fornecia energia para toda a região. Cortada pelo rio Aïdar, Shchastya estava dividida entre forças ucranianas e separatistas e mais parecia uma cidade fantasma. Os habitantes que puderam fugiram à espera de uma definição da situação. Outros que não tinham para onde ir ou não quiseram deixar suas casas tiveram que enfrentar as adversidades, o medo e os perigos. De acordo com o Serviço de Segurança Ucraniano (SBU), fora nesta localidade que dois oficiais “spetsnaz” russos tinham sido capturados. Eles eram parte de um grupo de 16 operadores das forças especiais que tinha como missão ações de sabotagem com o objetivo de garantir a retomada do controle pelos separatistas. No sopé de uma colina fomos ajudados por dois soldados ucranianos. Nosso veículo não conseguia subir devido à neve. Eles chegaram armados de AK-47 e quando viram as caixas de chocolates e novos rádios ficaram entusiasmados. No ponto alto da colina os militares, da 82ª Brigada de Infantaria, estavam abrigados numa tradicional casa ucraniana. De lá eles tinham uma visão privilegiada dos separatistas e também estavam cercados por eles, mas como aquela posição era estratégica, deveria ser defendida a qualquer custo. Seu único lançador GRAD fora destruído por um bombardeio e os restos do caminhão com ferro retorcido e queimado estava bem à frente. Na retaguarda, os inimigos estavam a apenas 800 metros. Exceto aqueles que conseguiram ocupar algumas casas abandonadas, em geral as tropas ficavam em abrigos subterrâneos, a melhor forma de se proteger dos bombadeios da artilharia. Um carro de combate T-64 fazia a segurança enquanto outros três, dois BTR-70 e um veículo de combate de infantaria BMP-3, ficavam escondidos e prontos para serem usados. A cada momento saiam patrulhas compostas por 7 a 10 soldados. Eles carregavam bastante munição e também usavam como armamento individual um lançador

descartável de RPG-22, uma arma anticarro que lança um projétil de 72,5 mm. Com apenas três quilos, ele é montado em apenas 10 segundos sendo ideal para o combate aproximado, capaz de penetrar blindagens de 400 mm ou posições protegidas de até um metro de concreto armado. As dimensões e peso reduzidos, praticidade e poder de fogo, além do baixo custo de aquisição, fizeram desta arma uma das preferidas e mais utilizadas pelos infantess.

Fazia bastante frio, tanto que parecia queimar o rosto e as mãos. A temperatura era de 20 graus negativos e até respirar era difícil, pior ainda caminhar na neve que chegava até à canela. Fui convidado para ver aquela parte da linha de frente, distante apenas 600 metros, dentro do alcance das armas automáticas. Já no início daquela marcha lembrei-me de que, em área de combate, caminha-se em colunas seguindo os passos daquele que vai diretamente à frente, de forma a diminuir o risco de se pisar numa mina ou coisa do tipo. Isso eu havia aprendido num curso para correspondentes de guerra do Exército Brasileiro. Como eu não queria dar chance para o azar, sempre mantinha o olho no passo do soldado que seguia, ou seja, o primeiro da coluna. Estávamos atravessando um cemitério e ele mais se preocupava em esquadrihar o caminho com seu fuzil Kalashnikov do que olhar para onde pisar. Rapidamente considerei o fato de que a neve estava alta e era praticamente impossível enxergar alguma coisa no chão. Eu mantinha a atenção pisando nos sulcos deixados por ele, quando tão logo ele deu um novo passo vi que havia um fio um pouco encoberto pela neve e que por pouco ele não arrebentou. Num rápido reflexo eu não dei meu passo seguinte, me equilibrando com a ajuda da neve. O soldado que vinha atrás não entendeu porque parei abruptamente e decidiu me ultrapassar. Joguei-me para o lado e o segurei, mostrando o fio. Ele retornou e segurou o fio até onde estava preso, ligado a um dispositivo explosivo, uma armadilha colocada ali para proteger o perímetro. Por pouco eu e meu acompanhante não fomos pelos ares. O susto foi grande e precisamos de um chá para nos acalmar. Aquele breve curso feito havia anos ajudou a salvar a vida de nós dois.

Numa das casas abandonadas onde os militares abrigavam-se busquei proteção contra o frio. Ali fui recebido por um jovem de feições orientais que mais parecia um garoto. Ele estava descascando batatas para uma sopa e me ofereceu um chá quente. Como não havia cadeiras me deu seu beliche cujo colchão dividia com seu longo instrumento de trabalho, um rifle semiautomático de precisão SVD Dragunov, e um

lançador de granadas de 40 mm portátil, datado de 1941, o ano da invasão da União Soviética, aquela que eles conhecem como sendo a Grande Guerra Patriótica. Era um soldado raso proveniente de Poltava, tinha 24 anos e há dois estava no Exército. Ele não tinha nome e era conhecido apenas como “Sniper Mongol”. Contou que suas missões duravam de duas horas a até dois dias, trabalhando em dupla com seu parceiro de Kharkiv, que carregava uma metralhadora. Eles ficavam à espreita, escondidos por entre os arbustos ou na neve, camuflados com uma farda branca que os cobria dos pés à cabeça, à espera dos seus alvos que eram prioritariamente oficiais inimigos e, se tivessem sorte, outros “snipers”. Quem aparentemente estivesse dando ordens aos separatistas tornava-se um alvo. Operadores de rádio e comandantes de blindados também eram de interesse. O rifle SVD Dragunov estava equipado com mira telescópica PSO-1 e disparava projéteis de calibre 7.62×54mmR a uma distância de 1.200 metros. Entrou em operação no ano de 1963, sendo o rifle de precisão padrão das forças soviéticas. O “Mongol” revelou que conseguia fazer um tiro certo na cabeça do inimigo a uma distância de até 400 metros, e no tórax, a 800 metros. A distância do alvo dizia onde o tiro seria desferido. Os “snipers” são muito respeitados nos Exércitos desta região e são tratados de forma diferenciada. Até aquele dia o “Mongol” já tinha matado 20 soldados russos e separatistas, diferenciando-os pelas roupas e o jeito de andar. Depois deste encontro, foram tentados vários contatos com ele, mas sem resposta. Nunca mais foi visto, nem se sabe se foi morto ou simplesmente cumpriu sua missão e voltou para casa. Sabe-se apenas que nos arredores de Shchastya ele havia se tornado uma verdadeira lenda.

O trecho mais perigoso daquela parte da linha de frente era às margens do rio Aïdar. Ali forças ucranianas e separatistas defendiam suas posições a apenas 300 metros umas das outras. Cada uma ocupava um lado da ponte que cruzava o rio e que era utilizada para troca de prisioneiros. Os confrontos eram frequentes e podiam ser duelos entre carros de combate que saíam todo momento em patrulhas por aquelas estradas nevadas, ou com peças de Artilharia e lançadores múltiplos de foguetes. Toda a área era urbanizada e nos dois lados haviam prédios residenciais, casas e até uma igreja ortodoxa. Geralmente, os tanques T-64 ou T-72 ucranianos ficavam em posição de desenfiamento de couraça, semienterrados com a torre voltada para fora. Estar em prontidão para o combate, demonstrar força ao inimigo e testar suas defesas era fundamental. A concentração de forças era grande e os soldados viviam em instalações subterrâneas, onde podiam se proteger do frio e dos ataques de morteiros e obuseiros. A vida era extremamente difícil e

eles lutavam naquele local da mesma forma que seus avós fizeram há 70 anos. Alguns nem sistemas de comunicação possuíam, o que mais importava era manter aquela posição a qualquer custo. Aqueles corajosos e abnegados combatentes eram voluntários, tinham mais idade, e alguns eram militares da reserva ou veteranos da malfadada invasão soviética do Afeganistão. Estavam ali simplesmente para se ocupar e lutar, encontrando na linha de frente um objetivo pessoal e uma forma de contribuir com o esforço de guerra. A trincheira não oferecia conforto, mas provia segurança e calor, graças à “burzhuika”, um pequeno forno a lenha muito comum nas antigas casas soviéticas. A cama improvisada, comumente, era dividida com um gato, um companheiro peludo que ajudava a esquentar e espantar a solidão. As paredes de terra estavam ornamentadas com imagens religiosas e fotos da família. Não reclamavam da vida nem da precariedade das condições. Sabiam que nada na linha de frente era definitivo, bem pelo contrário. Estavam conscientes de que poderiam morrer a qualquer momento. Por todo o caminho dentro das trincheiras e nas posições defensivas estavam espalhados carregadores, RPGs e caixas de granadas.

Quando os combates estouravam não havia tempo para buscar munição. Fomos então até a ponte, bem de frente para os separatistas. Pediram que eu colocasse uma gandola do Exército Ucraniano por cima e explicaram que o “sniper” inimigo poderia entender que eu era um “VIP”, uma visitante importante e então atirar, pois aquele era um lugar bastante conhecido e recebia muitas visitas de inspeção. Disseram que só atiravam em autoridades, em alvos de maior valor e não em soldados rasos, por isso, ali não se prestava continência ou se usava qualquer tipo de insígnia. Espalhados junto às árvores haviam espantalhos construídos com cabos de vassoura que simulavam um “sniper” escondido. Só existia uma trilha que podia ser utilizada, todas as demais continham armadilhas explosivas, resultado do medo constante de um ataque às suas trincheiras. Depois de reconhecer a área insistiram para que eu compartilhasse uma refeição com eles na sua cozinha subterrânea improvisada. Foi servida uma sopa de batatas que ajudou a espantar o frio, e contrariando as recomendações de segurança, me juntei a Aleksey e seus companheiros tomando um gole de Gorilka “batizada”, brindando à paz que um dia vai chegar. Mas não demorou muito para o outro lado efetuar tiros de fuzil e lançar morteiros, que foram prontamente respondidos. Os combates tinham recomeçado e a guerra perduraria sem definição, custando ainda milhares de vidas, consumindo gigantescos recursos da já combalida economia do país, mas sem tirar o fôlego de resistência e o

sentimento de esperança do povo ucraniano, envolvido em um novo tipo de guerra, e que há séculos luta por sua liberdade.

A participação do corpo de voluntários e da recém criada Guarda Nacional foi fundamental para frear o avanço das forças separatistas na fase inicial do conflito. Até a eleição de um novo governo as Forças Armadas não queriam se ver envolvidas diretamente por questões de ordem legal, pois tinham de combater dentro do território contra seus próprios nacionais e, naquele momento, havia um governo provisório eleito pelo Parlamento - após a fuga e destituição constitucional do presidente Viktor Yanukovich -, e era preciso esperar o povo ir às urnas nas próximas eleições gerais. O receio de provocar uma guerra direta com a Rússia também afastou os militares da crise, o que deu tempo para os separatistas se preparem e defenderem suas posições, recebendo carros de combate, veículos blindados, peças de Artilharia e consultores militares da Rússia, e farto armamento. Enquanto isso, a ofensiva de propaganda e a guerra da informação ganhavam força dentro dos territórios atraindo novos adeptos, tendo a participação de células colaboracionistas. Assim, entraram em cena os voluntários e militares da reserva, vindos de todas as regiões do país, formando batalhões que seguiram para frear o avanço separatista até que as Forças Armadas pudessem se engajar oficialmente, o que veio acontecer meses depois após a eleição do presidente Petro Poroshenko, ao criar a Operação Antiterrorista, com a tarefa de retomar os estados dos rebeldes.

Apesar de a Ucrânia possuir uma invejável e independente indústria de defesa, capaz de produzir quase todos os tipos de armamentos com qualidade e tecnologia necessárias aos conflitos da atualidade, as Forças Armadas vinham há anos sendo vítimas de uma política organizada de desmonte e abandono, com os recursos chegando a conta gotas, deixando-as incapazes de manter os equipamentos e investir em modernização. Isso teve impacto direto no treinamento e na operacionalidade das tropas. A antes poderosa Ucrânia, possuidora de um dos maiores e mais fortes Exércitos da Europa, estava enfraquecida e paralisada. As rotações de militares quase não aconteciam mais, o que teve reflexo direto na crise da Crimeia, resultando em deserções em massa. Os militares que lá serviam eram naturais e tinham residência e família na própria península. A carreira militar deixara de ser atrativa, com baixos salários e condições de trabalho ruins. A falta de perspectiva fez com que poucos vocacionados adentrassem às fileiras. Parecia tudo muito bem orquestrado para um objetivo futuro. O próprio ministro da Defesa, Pavlo Lebedev,

que era natural da Rússia, fugiu para lá junto com toda entourage do ex-presidente. A situação então já parecia definida.

### **6.3 A guerra esquecida no coração da Europa**

Em 2018, a guerra no Leste da Ucrânia já completava quatro anos e parecia não mais ter fim. Embora os Acordos de Minsk tenham freado o avanço do conflito, naquele momento apenas serviram para dar uma satisfação para a comunidade internacional, dizendo que os líderes europeus se preocupavam com o que estava acontecendo e assim evitar um confronto direto entre os Exércitos da Rússia e Ucrânia pela posse daquela região. A anexação da Crimeia e a continuidade dos combates haviam provocado a maior crise entre a Rússia e o Ocidente desde o final da União Soviética, e tinha potencial para ir mais além. Esses acordos deveriam servir para resolver o conflito, mas apenas conseguiram congelá-lo, criando uma zona “tampão” para proteger as populações civis dos importantes centros industriais de Donetsk e Luhansk, que se tornaram reféns de grupos criminosos paramilitares autointitulados separatistas pró-russos, mas que nada mais eram que mercenários nacionais, estrangeiros e militares de elite das Forças Armadas russas.

As ruas de Kharkiv são calmas e limpas com pessoas indo para o trabalho, crianças brincando e a população, em geral levando uma vida normal com conforto e completa segurança, em contraste com o sangrento conflito que se desenrola não muito longe de lá. Devido à sua localização e poder econômico, a cidade tornou-se importante centro de apoio logístico no contexto das operações militares no Donbas, rica região industrial e carbonífera que leva este nome por ser banhada pelo rio Donets. Viajei acompanhado por dois coronéis do Exército Ucrâniano que serviam no Estado-Maior, em Kiev. Os dois “Yuri” (Jorge, em português), oriundos das Armas de Cavalaria e Forças Especiais, seriam meus guias dentro da área sob jurisdição da Operação Antiterrorista (ATO). Eles usavam roupas civis e cada um portava uma pistola Makarov 9x18mm, em um coldre de couro. Embarcamos numa camionete e pegamos a estrada E40 por mais 100 km rumo ao sul.

Na primeira fase da operação, quatro anos atrás, aquela era conhecida como a rodovia da morte, devido ao intenso fluxo de comboios militares, ambulâncias e caminhões frigoríficos que iam e vinham das regiões ocupadas pelos separatistas de

Donetsk e Luhansk. Hoje, a estrada está bem asfaltada, com modernos postos de combustível e lojas de conveniência para apoiar os habitantes locais e facilitar o apoio logístico e o contínuo trânsito das unidades motorizadas e mecanizadas. Os pontos de checagem da polícia e da Guarda Nacional eram protegidos com paredes de concreto e sacos de areia. Seguidamente nosso veículo era parado por um soldado armado com fuzil AK-47 enquanto outro permanecia escondido com a arma em posição de tiro. Desconfiado, o guarda fez uma série de perguntas, checou a documentação e pediu para ver o portamalas. Até as armas foram verificadas. Os “check-points” são alguns dos locais mais perigosos, pois os policiais e militares não sabem realmente quem está passando. Numa guerra onde todos têm o mesmo rosto e falam a mesma língua, torna-se difícil identificar quem é um inimigo ou olheiro numa missão de reconhecimento, um militar a paisana retornando da folga ou um cidadão que simplesmente quer ir para casa ou visitar familiares. Passamos pela cidade de Sloviansk, que foi uma das primeiras a serem libertadas.

Ao deixar a cidade fui instruído a desligar meu telefone celular, a partir daquele momento eu não teria mais comunicação externa através daquele aparelho até o retorno. Segundo me foi dito, as forças russas, estacionadas a poucas dezenas quilômetros estão equipadas com modernos sistemas de inteligência de comunicações, sinais e de eletrônica (COMINT/SIGINT/ELINT). Eles detectavam e rastreavam todos os telefones estrangeiros e passavam a monitorar a comunicação e sua geolocalização, enviando mensagens de texto afirmando que os ucranianos estavam cometendo genocídio ao matar civis inocentes. Mas o maior problema não eram as operações psicológicas empreendidas pelo inimigo. Como a maioria dos estrangeiros eram jornalistas, membros de ONGs ou visitantes VIPs de Forças

Armadas e de governos aliados que vão lá verificar a situação e as unidades na linha de frente, esse rastreamento “do caminho do telefone” servia para mapear a zona sob controle militar ucraniano. Não raro, quando determinado “telefone” estrangeiro pernoitava em algum local, o inimigo imaginava que ele estava numa base militar, plotava aquela posição e realizava ataques de artilharia ou lançava aeronaves remotamente pilotadas para fazer o reconhecimento. Em 23 de março de 2017, uma gigantesca explosão destruiu o segundo maior depósito de munição da Ucrânia, em Balakliia, naquela mesma

região. As investigações apontaram que ela foi iniciada pela detonação de uma granada termobárica lançada à noite por um pequeno drone russo.

Nas primeiras semanas do conflito a cidade de Kramatorsk havia se tornado o bastião dos separatistas, e foi ali que aconteceram alguns dos mais violentos embates com as forças da recém formada Guarda Nacional da Ucrânia, que reunia voluntários, sendo a maioria deles militares e policiais da reserva. Hoje, inspirando relativa tranquilidade e estando sob controle cívico-militar, a cidade abriga o Quartel-General da Operação Antiterrorista e das várias unidades que possuem forças desdobradas na linha de frente, e foi em uma delas que buscamos abrigo para pernoitar. Como era de se esperar, o nome e número daquela unidade eram confidenciais, mas pelo material bélico acantonado naquela fábrica abandonada, parecia ser uma tropa de Infantaria mecanizada. Recebido pelo comandante e o subcomandante, também chamados de “Yuri”, logo fui instruído sobre os procedimentos que deveria seguir. Durante o dia era permitido caminhar até o portão da base, entrecortado por trincheiras e posições defensivas armadas com metralhadoras e morteiros. Após as 22h, era proibido qualquer trânsito dentro e fora dos prédios que não fosse entre os alojamentos e os banheiros. As janelas eram todas cobertas com plástico preto e protegidas com sacos de areia. À noite, as luzes eram apagadas, sendo proibido qualquer tipo de iluminação auxiliar. Somente algumas luzes vermelhas nos corredores guiavam aquele que por ventura precisasse se aliviar. As medidas eram de precaução ante a possibilidade de que uma aeronave remotamente pilotada de Categoria 1 ou 2 identificasse a base e passasse as coordenadas para um ataque. Nas paredes, havia informações sobre os procedimentos de emergência em caso de bombardeio. Foi mostrado o abrigo para onde eu deveria correr em caso de ataque. Imagens dos tipos de armamento em posse dos separatistas e suas respectivas capacidades estavam em todo lugar. Fomos avisados que estávamos dentro do alcance do inimigo. Na noite anterior, posições próximas foram atacadas com 16 foguetes de 122 mm lançados por um BM-21 GRAD. A Artilharia é o mais poderoso componente dessa guerra e a Rússia, por tradição, possui a mais poderosa do mundo. Devido aos frequentes e indiscriminados lançamentos de foguetes, obuses e morteiros contra posições militares e áreas residenciais ucranianas situadas na retaguarda da linha de contato, o que violava os Acordos de Minsk, ao largo de toda região foram instalados radares de detecção de tiro AN/TPQ-36 Firefinder, fornecidos pelos Estados Unidos.



Na manhã seguinte fomos conhecer a colina de Karachun, situada entre Sloviansk e Kramatorsk, epicentro da primeira fase do conflito no Donbas. Como ponto mais alto da região, foi ali que se travou uma das mais célebres batalhas de até então. As tropas do Exército que estavam cercadas e bloqueadas precisavam manter aquela posição, isso era crucial. Uma companhia mista composta por forças aerotransportadas, elementos das forças especiais e da Guarda Nacional seguraram aquela posição e fizeram isso por três meses. Eles somente podiam receber mantimentos e munição com apoio de helicópteros. Os pilotos tinham que fazer uma aproximação extremamente ousada em meio a fogo antiaéreo e a constante ameaça de mísseis de ombro (MANPADS). Nem todos tiveram a mesma sorte. Foi lá que um desses mísseis derrubou um helicóptero Mi-8 causando a morte de 12 militares, entre eles o general Serhiy Kulchytsky, que comandava o departamento de treinamento e combate da Guarda Nacional. Yuri, o spetsnaz, disse que a batalha de Karachun trouxe lições que foram úteis. A primeira delas era conquistar e manter todas as colinas e elevações que estivessem na área de operações. A segunda era possuir e defender um aeroporto militar na retaguarda das suas forças, e a última era impedir que as linhas de abastecimento fossem de qualquer forma bloqueadas, pois sem suprimentos, somente a bravura dos soldados e o sentimento máximo do cumprimento do dever conseguiriam sustentar uma ação militar até que os reforços chegassem. Yuri disse ainda que o item mais precioso para um infante numa posição defensiva como aquela era um morteiro de 60 mm. Leve, pequeno e rápido de usar ele foi muito útil para frear o avanço inimigo.

Os separatistas estavam muito bem equipados e treinados e não eram simplesmente rebeldes civis que pegaram em armas, mas suas fileiras eram formadas por uma parcela significativa forças regulares russas, mercenários de toda região, da Sérvia e do Cáucaso, Transnístria, veteranos de outros conflitos, o que explicava o sucesso inicial.

O dia começou cedo e deveríamos seguir para a linha de contato onde estão as unidades avançadas do Exército que têm a missão de manter cada metro quadrado do terreno conquistado. Um “briefing” de segurança foi realizado. Eu iria acompanhá-los na zona conflagrada, com a presença de blindados, carros de combate e pesada artilharia inimiga. Por isso deveria seguir todas as orientações do major, subcomandante daquela unidade. Embora todos os militares estivessem fardados, seriam usadas duas viaturas civis tipo Mitsubishi Pajero, pois chamariam menos a atenção. Os militares ucranianos

carregavam um fuzil AKS-74U, de cano curto, e uma pistola Makarov. A segurança do grupo era composta por dois operadores spetsnaz (forças especiais), armados com fuzis AKS-74 modernizado, equipado com mira holográfica e modernos sistemas de comunicação tática. Cada um deles carregava duas pistolas Fort-14TP 9×18mm, farta quantidade de munição e granadas de mão. No porta-malas dos veículos, além dos coletes e capacetes balísticos, água e material de primeiros socorros, havia grande quantidade de RPG-22, a única defesa contra um veículo blindado, caso nos deparássemos com algum.

Quando chegamos ao primeiro “check-point”, na estrada principal rumo a Donetsk, havia uma grande fila de carros para ser vistoriada. Um soldado se aproximou da nossa viatura e começou a interrogar. O motorista olhou para ele e disse apenas uma palavra, “yaroslava”. Imediatamente o soldado começou a gritar “davay, davay”. Eles então abriram caminho para nós e nos desejaram boa sorte. Passamos por vários pontos de checagem e toda vez que eles ouviam aquela palavra de passe sabiam que ali seguia um grupo importante e que tinha prioridade de passagem. Deixamos a rodovia e seguimos por uma estrada de terra por mais de meia hora. Aquele era um cenário de completa destruição, com casas de agricultores e fábricas daquela outrora economicamente próspera área, agora completamente abandonadas, muitas reduzidas às cinzas. Na área da ATO a maior parte das forças integra as brigadas mecanizadas. Passamos por vários “check-points” apoiados por veículos blindados de transporte de tropas BTR-3 e BTR-4. Estávamos perto da área industrial de Avdiika, situada a apenas 6 km ao norte de Donetsk. Os veículos pararam no acostamento e o major disse que aquela era a posição de ataque. Imediatamente todos vestiram os capacetes e coletes e engatilharam as armas. Com tudo preparado e os fuzis posicionados para fora das janelas seguimos diretamente para Krasnogorivka, o ponto mais avançado sob controle do Exército Ucrainiano. Apesar de parecer uma cidade fantasma muita gente ainda vivia lá. Sacos de areia foram colocados nas portas e janelas, uma escola teve que ser fortificada e os vidros das janelas das residências eram cobertos com plástico e fita adesiva para evitar estilhaços. Seguimos então para o aeroporto de Donetsk, nos subúrbios da cidade, local mais famoso da guerra, onde um pequeno grupo das forças especiais conseguiu segurar um ataque separatista por vários meses. Eles foram apelidados de “cyborgues”, pois pareciam imortais. Essa área próxima ao aeroporto era a linha de contato, onde era possível ver os separatistas. Muitos dos prédios haviam sido abandonados e dezenas de civis morreram, mesmo assim outras centenas não quiseram deixar suas casas, preferindo viver próximo ao fronte. A menos de 300 metros das posições

dos separatistas pró-russos, crianças jogavam futebol, mães passeavam com seus carrinhos de bebês. A vida parecia normal, mas aquela situação podia mudar a qualquer instante. E foi o que aconteceu! No fim da tarde começamos a ouvir o som de morteiros de 120mm explodindo próximo. O barulho retumbava na parede dos edifícios. Nossa segurança disse que era hora de partir, pois o Exército deveria fazer seu trabalho. Já dentro do veículo, no retorno à Kramatorsk, fomos informados que um soldado ucraniano havia sido morto em ação e outro ficou gravemente ferido naquela tarde, onde as posições ucranianas sofreram 47 ataques.

A zona da Operação Antiterrorista é formada por partes das regiões de Donetsk e Luhansk e cobre uma área de aproximadamente 40 mil km<sup>2</sup>. As forças governamentais controlam a maior parte, onde vivem cerca de 2,6 milhões de ucranianos. Para tanto, o Parlamento criou uma administração cívico-militar, com sede em Sloviansk. A parte em poder dos separatistas tem mais de 15 mil km<sup>2</sup>, entretanto eles ocupam menos de 30% da área das regiões que alegam representar e defender. Mais de 3,8 milhões de pessoas vivem na zona ocupada pelas forças separatistas e o Exército Ucraniano estima que sua estrutura seja formada por 40 mil membros, a maioria mercenários russos, chechenos e sérvios, apoiados por nove mil soldados regulares russos que operam dentro do próprio território ucraniano. Do outro lado da fronteira, na Rússia, estão estacionados os 1º e 2º Corpos do Exército, subordinados ao Distrito Militar Sul. A guerra na Ucrânia já fez mais de 10 mil mortos e tirou dois milhões de pessoas das suas casas. Do ponto de vista geopolítico, é um dos mais importantes e complexos conflitos da atualidade. A implementação dos Acordos de Minsk e o retorno gradual do Donbas ao controle ucraniano só vão ocorrer com o efetivo envolvimento da comunidade internacional. O primeiro passo é criação de uma missão de paz sob a égide das Nações Unidas. Ela se encontra em estudos e poderá ser lançada nos próximos anos. Os brasileiros poderiam ter papel de destaque ao se oferecer para enviar tropas e comandar essa missão. O Brasil é um país neutro, por conseguinte não é membro da OTAN, tem boas relações com a Rússia e a Ucrânia, e abriga ainda a segunda maior colônia ucraniana na diáspora (atrás somente do Canadá). Motivos não faltam para que o País possa contribuir na construção da paz nesse conflito propositalmente esquecido e encrustado no coração da Europa.

## 7 A FORÇA AÉREA UCRANIANA

Durante muitos anos a Força Aérea Ucraniana sofreu com o baixo orçamento, drásticos cortes pós-soviéticos e uma rápida perda de pessoal qualificado. Hoje, ela está tentando se erguer novamente como uma poderosa força de combate. A missão agora é evitar que a Rússia, a segunda maior potência aérea do mundo, interfira na integridade e independência da Ucrânia. Com enxames de aviões de guerra russos cada vez mais próximos das fronteiras da Ucrânia, a FAU agora está treinando mais pilotos e modernizando suas aeronaves. Mas sua frota envelhecida, herdada dos tempos soviéticos, está chegando perto do fim de sua vida útil.

Na próxima década, ela precisará de uma nova frota de aviões modernos capazes de conduzir um espectro completo de operações militares. Em 1991, a Ucrânia independente emergiu como a terceira maior potência aérea do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos e da Rússia. A Ucrânia herdou uma impressionante frota aérea soviética de mais de 2.000 aviões de guerra, incluindo 44 bombardeiros estratégicos pesados Tu-22 e Tu-160, divididos em quatro comandos aéreos operados por 122.000 militares e 27.000 civis. A frota aérea era capaz de cumprir todos os tipos de tarefas de combate, incluindo o fornecimento de armas nucleares táticas e armas convencionais guiadas e não guiadas.

Mas os anos seguintes não trouxeram nada além de decadência e cortes. Em conformidade com o Memorando de Budapeste de 1994, a Ucrânia se livrou de seu estoque nuclear e eliminou seus bombardeiros estratégicos em 1998, sob garantias de segurança da Rússia, dos Estados Unidos e do Reino Unido. Somente a Ucrânia cumpriu sua parte nos acordos.

Outras aeronaves foram vendidas em dúzias. Somente entre 2007 e 2017, de acordo com dados fornecidos pelo Serviço Estatal de Controle de Exportação, a Ucrânia vendeu até 65 jatos de combate (Su-27s, Su-25s e Su-22s, MiG-29s e MiG-21s), 41 L-39 de instrução Albatros, seis aeronaves de transporte militar An-72, An-74 e An-12, três tankers Il-78, 50 drones de reconhecimento Tu-143, 44 helicópteros Mi-24 e 802 mísseis de vários tipos (principalmente mísseis ar-ar R-24, R-27 e R-73 e o míssil de cruzeiro lançado no ar Kh-59). Os anos de vendas trouxeram ao país milhões de dólares, mas desde 1991 a FAU não recebeu uma única aeronave nova.

Cortes severos de pessoal e o fechamento de comando aéreos começaram a acontecer. De acordo com o Ministério Público Militar, até 19 unidades da FAU foram desmanteladas apenas em 2012–2014. Isso acabou levando o poder aéreo da Ucrânia a ficar totalmente paralisado após a invasão da Crimeia pela Rússia no início de 2014. A rendição na Crimeia foi um golpe devastador para a FAU, que perdeu sua melhor infraestrutura na península e até 126 aeronaves. A Ucrânia mais tarde conseguiu recuperar apenas 92 dos aviões - os russos decidiram manter o resto. Mas a eclosão de guerra por procuração do Kremlin no Donbas mostrou que o pior ainda estava por vir, e apesar das deficiências ocasionadas por anos de desmantelamento e baixos orçamentos, o poder aéreo ucraniano desempenhou um papel importante nas primeiras batalhas de Slovyansk e Kramatorsk, na primavera de 2014, bem como na luta sangrenta pelo Aeroporto de Donetsk e Ilovaïsk.

A pior parte aconteceu durante a noite de 14 de junho de 2014, quando um avião de transporte militar Il-76MD foi derrubado pelas forças lideradas pela Rússia sobre o aeroporto de Luhansk. Todos os 49 homens a bordo, incluindo 40 paraquedistas e 9 tripulantes, foram mortos. O envolvimento ativo da FAU na guerra terminou efetivamente no início de setembro de 2014, quando, após a derrota esmagadora e o massacre das forças ucranianas pelas tropas russas regulares em Ilovaïsk, Moscou proibiu totalmente o uso do poder aéreo como pré-condição para o primeiro Acordo de Paz de Minsk, que mais uma vez só é respeitado pela Ucrânia. Durante a guerra, a Força Aérea Ucraniana perdeu 51 soldados da UAF, incluindo 16 pilotos.

Hoje, cerca de 50 mil funcionários atuam na FAU, agora com sede em Vinnytsia, uma cidade de 370 mil habitantes localizada a 200 quilômetros a sudoeste de Kyiv. A Força Aérea agora tem 125 aeronaves disponíveis na linha de voo, prontas para combate. O acervo inclui aproximadamente 37 caças MiG-29 e 34 Su-27, 14 aviões de ataque Su-24M, 31 aviões de apoio aéreo Su-25, nove Su-24MR e três aviões de reconhecimento Antonov An-30, 31 jatos de treinamento e ataque leve L-39, cinco aeronaves de transporte militar Ilyushin Il-76 e três An-26. A força também possui uma frota de 14 helicópteros Mi-9, 30 Mi-8 e dois Mi-2. O céu ucraniano também é protegido por 250 sistemas de mísseis terra-ar S-300P / PS / PT e 72 Buk-M1.

Embora a atual Força Aérea seja uma sombra do que era em 1992, a Ucrânia ainda permanece entre as poucas nações que operam todos os principais ramos de poder aéreo - bombardeiros, caças, aviões de ataque, reconhecimento, transportes e ARPs, além de forças de mísseis e de guerra eletrônica.

No dia 25 de julho de 2019, durante visita oficial ao Brasil, sendo esta a primeira vez que um comandante militar ucraniano veio ao país, foi realizada uma entrevista com o Comandante da Força Aérea Ucraniana, Coronel General Sergii Drozdov, o qual destacou alguns pontos sobre o conflito que ora se desenrola no país e a aplicação do poder aeroespacial ucraniano no contexto das operações militares. Drozdov afirmou que a Operação Antiterrorista (ATO) começou em 2014. “Todas as estruturas de poder do Estado, bem como um componente das Forças Armadas da Ucrânia - FAU, estiveram envolvidas nela. Na fase inicial, antes da assinatura do “Acordos de Minsk” em setembro de 2014, em particular sobre a não-utilização da aviação, a Força Aérea manteve e apoiou totalmente as forças terrestres. Atualmente, temos uma área restrita que é proibida para voos, no entanto, no resto da Ucrânia, nos últimos 5 anos, a Força Aérea tem realizado tarefas de evacuação aeromédica, transporte de carga e pessoal das Forças Armadas da Ucrânia”.

Quando estourou a crise da Crimeia e posteriormente a guerra no Donbas, a situação da força aérea era bastante difícil. “No início de 2014, a Força Aérea da Ucrânia estava totalmente destruída. Ela deu prosseguimento às medidas para transformar sua estrutura de acordo com o princípio de construção interforça das Forças Armadas Ucranianas. No entanto, as ações agressivas da Federação Russa na anexação da República Autônoma da Crimeia e a invasão do território da Ucrânia nas regiões de Donetsk e Luhansk revelaram os erros fatais encontrados durante a elaboração do Programa Integrado Estatal de Reforma e Desenvolvimento das Forças Armadas para o Período até 2017, e sua ação foi imediatamente suspensa. A Força Aérea das Forças Armadas da Ucrânia naquela época operava dentro dos três Comandos Aéreos (Centro, Oeste e Sul) e de unidades militares que faziam parte do Grupo Tático da Crimeia. Com o início da Operação Antiterrorista - ATO (e depois, como Operação das Forças Conjuntas - OFC) nas regiões de Luhansk e Donetsk (na verdade, uma resposta a agressão militar da Federação Russa), a Força Aérea começou a aumentar ativamente suas capacidades criando o quarto Comando Aéreo (Leste), novas unidades militares de mísseis antiaéreos e radiotécnicas, reformando

as unidades que conseguiram se retirar da península da Crimeia ocupada. Durante os cinco anos da guerra, a Força Aérea aprendeu a responder com sucesso aos desafios da Guerra Híbrida, aumentou significativamente sua capacidade de utilização das forças e meios, e fortaleceu essencialmente suas capacidades de defesa. Atualmente, a Força Aérea é composta de 4 Comandos Aéreos, unidades de voo, de mísseis antiaéreos e radiotécnicas, e está implementando ativamente medidas para: modernização (renovação) de equipamento militar existente; implementação de sistemas automatizados de comando e controle; a transição dos órgãos de comando para as estruturas de padrões da OTAN; equipar unidades militares com Aeronaves Remotamente Pilotadas de reconhecimento e de ataque; melhorar a preparação e a formação do pessoal.”

Sobre as tarefas desempenhadas nas operações militares realizadas de 2014 até os dias atuais, o General Drozdov disse que “antes do lançamento da Operação Antiterrorista no leste do país, a missão principal da Força Aérea era garantir o poder aeroespacial da Ucrânia, realizando as tarefas de defesa aérea, incluindo a cobertura de importantes objetivos estratégicos com aviões de combate, tropas radiotécnicas e de mísseis antiaéreos. Na atribuição da Operação Antiterrorista foram usados todos os tipos de aeronaves. Começaram com a aviação de transporte militar que forneceu deslocamento rápido de tropas e, posteriormente, se engajou as aeronaves de combate utilizadas para apoiar as Forças Terrestres.”

Sobre os mísseis antiaéreos, cuja utilização foi um divisor de águas no conflito e fez dele também conhecido internacionalmente após a derrubada de uma aeronave civil, o General Drozdov ressalta que “a presença de modernos meios de defesa antiaérea nas Formações Armadas Ilegais exigiu o uso de um certo complexo de medidas que aumentaram a capacidade de sobrevivência da aviação durante as missões de combate na ATO. Uma análise do incidente em 06 de junho de 2014 quando foi perdida uma aeronave Antonov-30B que realizava missão de reconhecimento na área da ATO indicou que ela foi atingida por um míssil lançado de ombro (MANPADS) a uma altitude de 4050m. Considerando que os MANPADS de fabricação soviética têm um envelope de operação de até 3500m, podemos concluir que foram utilizados novos sistemas. Provavelmente, este MANPADS pode ser do modelo "Verba" 9K333 fabricado pela Federação Russa. Durante a execução das tarefas na área de Operação Antiterrorista, vários aviões e helicópteros foram destruídos por meios de defesa antiaérea, que incluíam

MANPADS “Verba”, baterias de mísseis antiaéreos “Pantsir-C1” e “Thor”. Deve-se notar que esses SAM (Surface Air Missile) são difíceis de operar e requerem treinamento adequado, portanto, eles foram operados por pessoal militar profissional de um país estrangeiro. Ao mesmo tempo, uma investigação internacional concluiu que o voo MH17 da Malaysia Airlines foi atingido por um sistema de mísseis antiaéreos “Buk”, que pertencia à 53ª Brigada de Mísseis Antiaéreos de cidade de Kursk (Federação Russa).”



## 8 ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A 10 de novembro de 1804, o Imperador francês Napoleão Bonaparte escreveu ao Rei da Prússia uma avaliação visionária dizendo que a Rússia “há de se conscientizar de que, se desejar interferir nos assuntos da Europa, precisará adotar uma abordagem racional e coerente e abandonar princípios emanados de mera fantasia e paixão, porque a política de todas as potências é uma questão de geografia”. (HASLAM, 2006)

A Ucrânia e a Rússia estão destinadas a viver geograficamente unidas. A primeira busca assegurar sua independência política e cultural visando garantir o fortalecimento do seu status e identidade como povo e nação independente, enquanto a Rússia enxerga tal medida como uma ameaça à existência do que acredita ser o “mundo russo”. O fortalecimento da identidade nacional é necessária para garantir a estabilidade interna da própria Rússia, formada por diversos povos com línguas, cultura e religiões distintas. Essa miríade frequentemente ameaça o governo central, em Moscou, na Rússia europeia, com lutas internas e movimentos separatistas nas zonas periféricas do imenso território. O ideal de “mundo russo” encorajado por Vladimir Putin e sua política externa tem reflexos profundos na existência da Rússia contemporânea como estado-nação e na segurança e manutenção da sua gigantesca massa terrestre eurásiana.

Conforme Vasylenko (2014), as ideologias anti-ucranianas incrustadas na mentalidade russa e sua política com aspirações revanchistas definem uma política que representa seu último objetivo estratégico, que é a destruição da Ucrânia. A existência da Ucrânia como nação independente é uma ameaça a restauração do orgulho russo, sua história e memória. A destruição da Ucrânia como Estado, na visão russa, é necessária pois torna-se uma ameaça existencial, não somente por questões de segurança, mas porque Kyiv, o berço do “mundo russo”, ou a mãe de todas as “Rússias”, ao renunciar ao seu passado comum e buscando uma integração com o Ocidente, representa o fim do ideal nacional de grande nação eurásiana da Rússia, com potencial para ser o estompím de revoltas internas que fomentariam novos movimentos separatistas, os quais poderão vir a dissolver a Federação Russa, transformando-a numa colcha de retalhos formada por uma série de outros estados-nação independentes e com armas nucleares.

A crise ucraniana é o último episódio de uma longa batalha pelo controle daquela vasta região e a reafirmação da identidade russa como nação eurásiana,

contraposta por uma visão tradicional ucraniana europeísta e ocidental. Duas visões geopolíticas antagonistas, uma que busca uma integração com o Velho e o Novo mundos, enquanto que outra quer assegurar o controle de toda a massa eurasiática. O próprio símbolo do Império Russo, e que voltou a ser utilizado, a Águia Bicéfala, que olha para Ocidente e Oriente, não para Europa e Ásia, mas verdadeiramente para a grande massa terrestre conhecida como Eurásia, a qual a Rússia busca assegurar seu controle.

A crise ucraniana também tem outros fatores com influência determinante na segurança e na política externa russas, no que tange a questão de controlar a Ilha Mundial, o *Heartland*, e se tornar também uma potência marítima. Kaplan (2013) afirma que foi na busca de um porto de águas quentes no Oceano Índico que a União Soviética acabou invadindo o Afeganistão. A anexação da península da Crimeia foi necessária para assegurar o porto de águas quentes de Sebastopol, cuja posse era essencial para assegurar uma saída para o mediterrâneo, possibilitando a projeção do poder naval russo no Atlântico, contrapondo diretamente a potência marítima representada pela Organização do Tratado do Atlântico Norte. Por outro lado, a Rússia contemporânea tenta voltar a consolidar o mesmo *Heartland* perdido com a dissolução do império soviético, trazendo novamente para seu território ou sua zona de influência a Bielorrússia, Ucrânia e Ásia Central. Cem anos depois de Mackinder ter apresentado suas teorias, esta questão constitui um dos principais dramas geopolíticos do nosso tempo. (KAPLAN, 2013)

O núcleo da teoria Realista é a segurança nacional e a sobrevivência estatal, sendo estes os valores que impulsionam a doutrina e a política externa de uma nação. Ao ser defrontada com uma ameaça aos seus interesses nacionais no seu entorno estratégico, a Rússia utilizou todos os meios que encontrou a fim de assegurar seus objetivos estratégicos, desprezando acordos internacionais e tratados. Numa avaliação de riscos, pela sua poderosa estrutura industrial-militar e como potência nuclear, não receava descumprir obrigações morais ou legais no caso de sua segurança e interesses vitais fossem ameaçados. Mearsheimer (2012) afirma que as nações e os líderes mentem quando isso é necessário para resguardar seus interesses. E isso é mais fácil acontecer quando a balança de poder pende para um lado.

Através da utilização da Maskirovka como uma expressão da moderna guerra híbrida e a inovadora Doutrina Gerasimov, a Rússia literalmente mascarou uma invasão armada ao território soberano de outro país utilizando forças militares

uniformizadas mas sem insígnia e afirmando serem uma insurreição popular. Muito embora os serviços de inteligência de todas as nações já soubessem que aquela era uma invasão, a forma utilizada pela Rússia objetivou não ser acusada formalmente de estado agressor e criar uma condição de guerra. “Durante ao que já era uma invasão ilegal, o Exército Russo violou leis básicas da guerra de forma deliberada e desde o início. Putin endossou essa forma de guerra e mesmo quando se negava que havia uma invasão em andamento” (SNYDER, 2019) A velocidade da ação, a guerra informacional, cibernética e de propaganda gerou incertezas e terror na cadeia de comando da Ucrânia e entre seus aliados, fazendo com que todos ficassem perplexos e sem reação enquanto toda ação transcorria. Os acontecimentos na Crimeia e no leste da Ucrânia confirmam a Teoria da Guerra Ilimitada dos autores chineses Qiao Liang e Wang Xiangsui, onde se acabam os limites entre a guerra e a paz, ficando difícil diferenciar a existência da beligerância dentro de um determinado tempo e espaço, e onde todos os meios utilizados para alcançar o objetivo são válidos, embora do ponto de vista da lei internacional são ilegítimos e ilegais.

Nesse sentido, Willetts (2019) afirma que atualmente:

Ao longo da linha de contato de 190 milhas, as forças apoiadas pela Rússia têm mais de 470 tanques e centenas de peças de artilharia e lançadores de foguetes. Todos estão sob o comando dos chefes militares russos Major-General Prymakov em Donetsk e do Tenente-General Knyazev na vizinha Luhansk. Só neste ano, a força separatista bombardeou o território da Ucrânia mais de 1.700 vezes, muitas vezes usando armas banidas por tratados internacionais. A Rússia cooptou políticos e canais de mídia para controlar as notícias e enviou alertas de texto em massa acusando a Ucrânia de crimes de guerra. A desinformação é disseminada pela mídia social, enquanto os ataques cibernéticos afetam a rede de trens metropolitanos. Um ataque de hackers em 2015 desligou a energia de 250.000 lares.

A interferência russa nos assuntos internos, a invasão armada de uma nação soberana dentro do seu entorno geopolítico demonstra que, em pleno século XXI, a Rússia tal qual sua antecessora União Soviética, ainda reconhece uma “Soberania Limitada” de seus vizinhos como uma política exterior de Estado. A anexação da península da Crimeia, primeira anexação territorial “semidefinitiva” pós-Segunda Guerra Mundial, assim como todos os outros fatos supracitados, estabelece de forma preocupante uma série de violações internacionais, criando precedentes e colocando em risco a ordem e a legitimidade do sistema internacional tal qual foi concebido.

Esta dissertação abordou as questões referentes à anexação da península da Crimeia e a guerra que se desenrola no leste da Ucrânia desde 2014. Foram analisadas à

luz dos teóricos realistas as ações russas, conduzidas através de uma moderna guerra híbrida, apresentando numa roupagem inovadora a velha doutrina soviética da Maskirovka, ou, os mascarados.

Essas operações militares dissimuladas executadas por forças especiais russas, sem insígnias e em tempos de paz, foram empreendidas em todas as dimensões do campo de batalha, e cabe-se destacar, foram possíveis devido à proximidade geográfica entre as duas nações e pela existência de uma língua comum, o russo, que é também falado pela maioria dos habitantes do leste ucraniano e na Península da Crimeia.

A anexação da Crimeia ao território russo tornou-se um sucesso militar sem precedentes, embora a legitimidade da anexação deva ser contextada, devendo ser a Crimeia reconhecida pela Comunidade Internacional como um território sob ocupação. Foram feitas visitas no leste da Ucrânia e na área da Operação Antiterrorista (ATO), onde se desenrola o conflito. O relatório com as impressões é publicado na forma de um diário de campo.

A aplicação da moderna Maskirovka na Ucrânia teve a finalidade de esconder as intenções e ações russas, deixando paralizada a estrutura de comando ucraniana e perplexa toda a Comunidade Internacional, gerando incertezas, precedentes e ameaças futuras à paz, a ordem e a segurança internacionais.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, F. Guerra Híbrida: breve Ensaio. **Defesanet**. Disponível em: <http://www.defesanet.com.br/doutrina/noticia/18978/GUERRA-HIBRIDA-%E2%80%93-Breve-Ensaio-/>. Acesso em: 17 junho 2019.

ARANHA, F. "Guerra de Nova Geração na Ucrânia. Colapso da Capacidade de Resistência". **Defesanet**. 2015. Disponível em: <http://www.defesanet.com.br/russiadocs/noticia/20397/Guerra-de-Nova-Geracao-na-Ucrania--Colapso-da-Capacidade-de-Resistencia-/>. Acesso em: 22 abril 2017.

ARMS CONTROL ASSOCIATION. **Nuclear Weapons**: who has what at a glance. Disponível em: <https://www.armscontrol.org/factsheets/Nuclearweaponswhohaswhat>. Acesso em: 29 jun. 2018.

ARQUILLA, J.; RONFELDT, D. Cyberwar is coming! **Comparative Strategy**, v. 12, n. 2, 1993, p. 141-165.

AXE, D. Ukraine has lost half its warplanes. **War is boring**. 2015. Disponível em: <https://warisboring.com/ukraine-has-lost-half-its-warplanes/>. Acesso em: 4 jun. 2018.

BRASIL. Exército Brasileiro. **Doutrina Militar Terrestre em Revista**, v. 4, n. 9, jan. 2016. Disponível em: <http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/DMT/article/view/718>. Acesso em: 28 jul. 2018.

BURBANK, J.; COOPER, F. **Impérios. Uma nova história universal**. São Paulo. Planeta. 2019. 645 p.

BUZAN, B.; WÆVER, O.; WILDE, J. **Security**: a new framework for analysis. Boulder: Lynne Rienner, 1998.

BUZAN, B.; WÆVER, O.; **Regions and Powers. The Structure of International Security**. Cambridge University Press. 2003. 564p.

CABRAL, R. P. Um estudo histórico sobre a guerra. In: SILVA, F. C. T.; LEÃO, K. S. S. (Org.). **Por que guerra? Das batalhas gregas à ciberguerra**: uma história da violência entre os homens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CANCIAN, R. "Geopolítica - Teorias do Heartland e do Rimland". **Uol**. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/geopolitica-teorias-do-heartland-e-do-rimland.htm>. Acesso em: 17 jun. 2019.

CIRINCIONE, J.; WOLFSTHAL, J. B.; RAJKUMAR, M. **Deadly Arsenals**: nuclear, biological, and chemical threats. Washington, DC: Carnegie Endowment for International Peace, 2005, p. 378-379.

COLOMBO. S. "Estado e soberania: uma visão a partir da sociedade internacional". **Revista de Doutrina TRF4**. Disponível em:

[http://www.revistadoutrina.trf4.jus.br/index.htm?http://www.revistadoutrina.trf4.jus.br/artigos/edicao016/Silvana\\_Colombo.htm](http://www.revistadoutrina.trf4.jus.br/index.htm?http://www.revistadoutrina.trf4.jus.br/artigos/edicao016/Silvana_Colombo.htm). Acesso em: 05 jun. 2019.

DIBB, P. **The geopolitical implications of Russia's invasion of Ukraine**. Strategic & Defence Studies Centre ANU College of Asia & the Pacific The Australian National University, 2014. 12 p.

DZHAPAROVA, E. "Rússia usou na Ucrânia estratégia matrioska". **Diário de Notícias**. Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/interior/russia-usou-na-ucrania-estrategia-matrioska-9237949.html>. Acesso em: 04 jul. 2019.

FLIGHT MH17 shot down by Russian-built Buk missile, Dutch report says. **Reuters**. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-ukraine-crisis-mh17/flight-mh17-shot-down-by-russian-built-buk-missile-dutch-report-says-idUSKCN0S71C820151013> . Acesso em: 25 set. 2017.

GADDIS, J. L. **A vida de George F. Kennan**. 1 ed. São Paulo: Globo Livros, 2014.

HAN, C. H. Maskirovka In The Information Age. **POINTER, Journal of the Singapore Armed Forces**. Disponível em: [https://www.mindef.gov.sg/safti/pointer/documents/pdf/V42N1\\_Maskirovka\\_in\\_the\\_Info\\_Age.pdf](https://www.mindef.gov.sg/safti/pointer/documents/pdf/V42N1_Maskirovka_in_the_Info_Age.pdf). Acesso em: 22 abr. 2017.

HASLAM, J. **A necessidade é a maior virtude**. O pensamento realista nas relações internacionais. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 434 p.

JACKSON, R.; SORENSEN, G. **Introdução às Relações Internacionais**. Rio de Janeiro. Zahar, 2013. 478 p.

JOHNSON, M.; MEYERAAN, J. Military Deception: Hiding the real – Showing the fake. **Joint and Combined Warfighting School**. 2003.

JUDT, T. **Pós-Guerra: uma história da europa desde 1945**. Rio de Janeiro. Objetiva. 2008. 847 p.

KAPLAN, R. **A Vingança da Geografia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. 383 p.

KRAMER, M. Why did Russia give away Crimea sixty years ago? **Wilson Center**, mar. 2014. Cold War. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/publication/why-did-russia-give-away-crimea-sixty-years-ago>. Acesso em: 4 jun. 2018.

KINSON, K. "Holodomor", ou como Stalin matou de fome milhões de ucranianos de fome. **UOL**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2017/11/27/holodomor-ou-como-stalin-matou-de-fome-milhoes-de-ucranianos.htm>. Acesso em: 12 ago. 2018.

KASPAROV, Garry. **O inimigo vem do norte**. Clube do autor. Lisboa. 2015.

KONRAD, K. Uma nova Guerra Fria na Ucrânia. **Tecnologia & Defesa**, São Paulo, abr/mai. 2016.

KORYBKO, A. Guerras Híbridas. Expressão Popular. São Paulo. 2018.

LEAL, P. C. "A guerra híbrida". **Doutrina Militar Terrestre em Revista**, [S.l.], v. 4, n. 9, p. 6-17, jan. 2016. ISSN 2317-6350. Disponível em: <http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/DMT/article/view/722>. Acesso em: 28 jul. 2018.

LEBEDEV, P. "A Ucrânia pode propor ao Brasil inúmeros projetos conjuntos ao Brasil na área da defesa". **Tecnologia & Defesa**, São Paulo, abr/mai. 2012

LINDLEY-FRENCH, J. **NATO: Countering Strategic Maskirovka**. Canadian Defence & Foreign Affairs Institute. Disponível em: [https://d3n8a8pro7vhmx.cloudfront.net/cdfai/pages/543/attachments/original/1432247421/NATO\\_Countering\\_Strategic\\_Maskirovka.pdf?1432247421](https://d3n8a8pro7vhmx.cloudfront.net/cdfai/pages/543/attachments/original/1432247421/NATO_Countering_Strategic_Maskirovka.pdf?1432247421). Acesso em: 02 ago. 2018.

LUTTWAK, E. N. **Estratégia: a lógica da Guerra e da paz**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2009. 367 p.

MAHDA, Y. **Russia's hybrid aggression: lessons for the world**. Kiev: Kalamar, 2018. 283 p.

MARSHALL, T. **Prisioneiros da Geografia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. 283 p.

MASKIROVKA is Russian Secret War. **The war is boring**. Ago. 2014. Disponível em: <https://medium.com/war-is-boring/maskirovka-is-russian-secret-war-7d6a304d5fb6>. Acesso em: 29 set. 2014.

MCNAB, C.; FOWLER, W. **Enciclopédia de Técnicas de Combate**. Lisboa: Editora Estampa, 2002. 256 p.

MEARSHEIMER, J. J. **Por que os líderes mentem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 179 p.

MEARSHEIMER, J. J. Why the Ukraine Crisis Is the West's Fault. **Foreign Affairs**. Sep./Oct. 2014. Disponível em: <http://www.foreignaffairs.com/articles/141769/john-j-mearsheimer/why-the-ukraine-crisis-is-the-west-s-fault>. Acesso em: 27 out. 2014.

MINGST, I. M.; ARREGUÍN-TOFT, I. M.; **Princípios de Relações Internacionais**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014. 419 p.

MONTEFIORE, S. S. **Titãs da História**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018. 560 p.

MORAES, M. S. "Kiev deu início tanto à Ucrânia quanto à Rússia". **Folha de São Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2611200403.htm>. Acesso em: 12 ago. 2018.

NAÇÕES UNIDAS. **Carta das Nações Unidas**. Disponível em: <https://www.un.org/en charter-united-nations/index.html>. Acesso em: 17 jun. 2019.

NUCLEAR Weapons: Who has what at a glance. **Arms Control Association**. Disponível em: <https://www.armscontrol.org/factsheets/Nuclearweaponswhohaswhat> . Acesso em 24 setembro 2017.

OSBORNE, S. Flight MH17 shot down by Russian military-sourced missile, investigators conclude. **Independent**, maio 2018. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/world/europe/mh17-missile-ukraine-2014-russia-military-netherlands-deaths-investigation-a8366721.html>. Acesso em: 4 jun. 2018.

OVERY, R. **A História da Guerra em 100 Batalhas**. São Paulo: Publifolha, 2015

PETERSON, N. "Why the War in Ukraine Matters to America". **The Daily Signal**. Disponível em: <http://dailysignal.com/2017/12/15/why-the-war-in-ukraine-matters-to-america/>. Acesso em: 02 jan. 2018.

PIRNIE, B. R. Soviet Deception Operations during World War II. **U.S. Army Center of Military History**. 1985.

POCOCK, C. "Ukraine Has Lost 22 Aircraft to Rebel Forces". **AIN Online**. Disponível em: <http://www.ainonline.com/aviation-news/defense/2014-11-26/ukraine-has-lost-22-aircraft-rebel-forces>. Acesso em: 24 set. 2017.

POLONSKY, R. **A lanterna mágica de Motolov: uma viagem pela história da Rússia**. 1ª edição. São Paulo: Todavia, 2018. 368 p.

POMERANZ, L. **A crise na Ucrânia**. Jun. 2014. Disponível em: [http://www.bresserpereira.org.br/terceiros/2014/junho/14.06.Crise\\_na\\_Ucr%C3%A2nia.pdf](http://www.bresserpereira.org.br/terceiros/2014/junho/14.06.Crise_na_Ucr%C3%A2nia.pdf) f. Acesso em: 30 set. 2014.

PRAZERES, J. P. O conflito na Ucrânia sob o ponto de vista da segurança e defesa. **Jornal de Defesa e Relações Internacionais**. 2014. 28 p.

RACHKEVYCH, M. **Ukrainian Air Force Has Lost 18 Combat Aircraft in Fighting With Rebels Since April 2014**. **Kyiv Post**. 22 ago. 2016. Disponível em: <http://www.matthewaid.com/post/95467830636/ukrainian-air-force-has-lost-18-combat-aircraft-in>. Acesso em: 03 ago. 2015.

RAMOS, A. L. F. **A postura estratégica da Rússia contemporânea**. Militar. Disponível em <https://www.revistamilitar.pt/artigo/1212>. Acesso em: 26 ago. 2018.

REID, A. **Borderland: A Journey Through the History of Ukraine**. New York: Basic Books, 2015.

ROBERTS, J. Q. **Maskirovka 2.0: Hybrid Threat, Hybrid Response**. Center for Special Operations Studies and Research. Disponível em: <http://www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/1007494.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2018.



"RÚSSIA usou na Ucrânia estratégia matrioska". Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/interior/russia-usou-na-ucrania-estrategia-matrioska-9237949.html>. Acesso em: 26 ago. 2018.

SAKWA, R. *Frontline Ukraine. Crisis in the Borderlands*. London: L.B Tauris & Co. Ltd., 2016. 347 p. In: SEGRILLO, A. **Rússia: Europa ou Ásia?** 1ª edição. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

SAKWA, R. **Frontline Ukraine: crisis in the borderlands**. L.B.Tauris &Co. Ltd. 2016

SHARKOV, D. "Putin congratulates Russian special forces in Crimea anniversary". **Newsweek**, 27 fev. 2017. Disponível em: <https://www.newsweek.com/putin-congratulates-russian-special-forces-crimea-anniversary-561760>. Acesso em: 28 jul. 2018.

SIMPSON, J. **O plano que permitiu à Rússia a anexação secreta da Crimeia**. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/03/140319\\_golpe\\_crimea\\_1k](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/03/140319_golpe_crimea_1k). Acesso em: 01 set. 2018.

SINCLAIR, N. Velha Geração. A Evolução e Não uma Revolução do Modo de Guerra Russo. **Military Review**. Disponível em: [https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/MilitaryReview\\_20160930\\_art005POR.pdf](https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/MilitaryReview_20160930_art005POR.pdf). Acesso em: 29 jul. 2018.

SLOBODA, P. M. **A anexação da Crimeia pela Rússia: uma análise jurídica**. Centro de Direito internacional. 2014. 22 p.

SMITH, C. L. "Soviet Maskirovko". **Airpower Journal**. 1988.

SNYDER, T. **Na contramão da liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 431p.

SOETERS, J; SHIELDS, P. M; RIETJENS, S. **Routledge Handbook of Research Methods in Military Studies**. Routledge: Abingdon, 2014. 336 p.

"Statement by the Representative of the Delegation of Ukraine," First Committee of the 69th Session of the General Assembly of the United Nations, 10 October 2014, [www.statements.unmeetings.org](http://www.statements.unmeetings.org).

THOMPSON, M. "The 600 Years of the History Behind those Ukrainian Masks". **Time**. Abr. 2014. Disponível em: <http://time.com/67419/the-600-years-of-history-behind-those-ukrainian-masks/> . Acesso em: 22 abr. 2017.

TZU, S. **A Arte da Guerra**. 1.ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 112 p.

*UNITED STATES OF AMERICA*. The United States Army Special Operations Command. **Little Green Men: a primer on Modern Russian unconventional warfare, Ukraine 2013-2014**. Fort Bragg: United States Army Special Operations Command, 2015.

*UNITED STATES OF AMERICA*. Asymmetric Warfare Group. **Russian New Generation Warfare Handbook**. Fort Meade: Asymmetric Warfare Group, 2016.

VASYLENKO.V. Russian Aggression: Genesis, Goals, Counteraction and Legal Consequences. **The Ukrainian Week**, 2014. 35 p.

VISACRO, A. **A Guerra Na Era da Informação**. São Paulo: Contexto, 2018. 224 p.

VOWELL, J. B. "Maskirovka: from Russia with deception". **Real Clear Defense**, out. 2016. Disponível em: [https://www.realcleardefense.com/articles/2016/10/31/maskirovka\\_from\\_russia\\_with\\_deception\\_110282.html](https://www.realcleardefense.com/articles/2016/10/31/maskirovka_from_russia_with_deception_110282.html). Acesso em: 24 set. 2017.

WEIR, W. **50 batalhas que mudaram o mundo**: os conflitos que mais influenciaram o curso da história. 1. ed. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2004.

WILTGEN, G. MH17 vídeo da Globo News com o jornalista Kaiser Konrad. **Defesa Aérea e Naval**. Jul. 2014. Disponível em: <http://www.defesaaereanaval.com.br/mh17-video-da-globonews-com-o-jornalista-kaiser-konrad/>. Acesso em: 03 ago. 2015.

WILLETTS, D. **Shadow War**: Head of British Army on the frontline of ‘battle laboratory’ where Russia ‘prepares for war with the West’. The Sun. Disponível em: <https://www.thesun.co.uk/news/9341309/british-army-ukraine-frontline-russia-prepares-for-war/>. Acesso em: 31 jul. 2017.

WINID. B. “É preciso diversificar para evitar a dependência”: Entrevista com o Vice-Ministro de Relações Exteriores da Polônia, país que deseja uma parceria de longo prazo com o Brasil. **Tecnologia & Defesa**, São Paulo, mai/jun. 2014. Entrevista concedida a Kaiser Konrad.

WRIGHT. E.; LAW. J. **Dicionário de História do Mundo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. 781 p.

YEKELCHYK, S. **The conflict in Ukraine, what everyone needs to know**. New York: Oxford University Press, 2015.

YERGIN, D. **A Busca**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. 830 p.